
PERCURSOS DOS ESTUDANTES APÓS FORMAÇÃO NO ENSINO SECUNDÁRIO PROFISSIONAL EM PORTUGAL

Ana Isabel Melo
Belém Barbosa
Carlos Rodrigues
Cláudia Amaral Santos
Fernando Costa
Gonçalo Paiva Dias
Sandra Filipe

EDULOG
FUNDAÇÃO BELMIRO DE AZEVEDO

O EDULOG é uma iniciativa da Fundação Belmiro de Azevedo que tem como objetivo contribuir para a construção de um sistema de educação de referência em Portugal. Na persecução da sua missão e da sua visão, apoia estudos de investigação na área da Educação e dinamiza encontros e conferências cientificamente fundamentados.



**FUNDAÇÃO
BELMIRO
DE AZEVEDO**

Praça de Liège, 146 4150-455 Porto

Título

*Percursos dos Estudantes após Formação no
Ensino Secundário Profissional em Portugal*

Coordenação

Belém Barbosa

Equipa de Investigadores

Ana Isabel Melo

Belém Barbosa

Carlos Rodrigues

Cláudia Amaral Santos

Fernando Costa

Gonçalo Paiva Dias

Sandra Filipe

Bolsa de Investigação

Bianca Vieira Benedicto

© Fundação Belmiro de Azevedo

Julho de 2022

ISBN: 978-989-53711-2-9

Este estudo foi desenvolvido no âmbito do projeto de investigação +PRO: *Medir, articular e valorizar o Ensino Profissional em Portugal*, da Universidade de Aveiro. As opiniões expressas nesta publicação refletem o posicionamento dos seus autores e não vinculam necessariamente o EDULOG.

**PERCURSOS DOS
ESTUDANTES APÓS
FORMAÇÃO NO
ENSINO SECUNDÁRIO
PROFISSIONAL EM
PORTUGAL**

ÍNDICE

LISTA DE TABELAS	7
LISTA DE FIGURAS	8
LISTA DE ABREVIATURAS	9
SUMÁRIO EXECUTIVO	11
1. Introdução	13
1.1 Transição rumo aos percursos pós secundários	13
1.2 Metodologia adotada	14
1.3 Organização do relatório	16
2. Caracterização dos percursos pós-secundários dos alunos dos cursos profissionais	18
2.1 Perfil dos alunos e natureza dos cursos profissionais	18
2.2 Fatores relacionados com o sucesso do processo ensino-aprendizagem	21
2.3 Empregabilidade dos alunos dos cursos profissionais ao longo do ensino secundário	23
2.4 Obtenção de emprego na área de formação à saída dos cursos profissionais	24
2.5 Situação profissional do agregado familiar	26
2.6 Habilitações escolares dominantes da família	30
2.7 Áreas de Educação e Formação	36
3. Trajetória escolar, por região (nuts ii)	40
3.1 Percursos, por região (NUTS II)	40
3.2 Média dos alunos dos cursos profissionais no secundário, por regiões (NUTS II)	42
3.3 Preparação profissional e oportunidades de emprego, por regiões (NUTS II)	43
4. Percursos	44
4.1 Percurso Estuda (de forma exclusiva)	44
4.1.1 Principais razões para o prosseguimento de estudos	44
4.1.2 Desempenho escolar	45
4.1.3 Opiniões acerca do Ensino Secundário Profissional	46
4.1.4 Motivação para a escolha do curso	47
4.2 Percurso Trabalha (de forma exclusiva)	48
4.2.1 Expectativas à entrada e à saída dos cursos profissionais	49
4.2.2 Fatores relacionados a empregabilidade	51
4.2.3 Opiniões sobre os estágios e os cursos profissionais	54
4.3 Percurso dos indivíduos que não prosseguiram estudos nem foram trabalhar	57
4.3.1 Expectativas escolares	57

4.3.2 Desempenho escolar	58
4.3.3 Opiniões sobre os cursos profissionais no do ensino secundário	59
4.4 Análise comparativa	63
5. Análise dos percursos dos alunos dos cursos profissionais no pós-secundário	66
5.1 Agrupamentos regionais e densidade populacional	67
5.2 Fatores associados aos percursos após a conclusão do ensino secundário profissional	68
6. Conclusão	74
6.1 Desempenho escolar	74
6.2 Escolaridade e condições socioeconómicas predominantes no seio familiar	74
6.3 Condições macroeconómicas	75
6.4 Expectativas e satisfação estudantil	75
6.5 Implicações do estudo	76
6.6 Limitações e sugestões para investigação futura	77
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	79

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 Tabela síntese	17
Tabela 2 Percursos dos alunos do ensino profissional, por género e total	19
Tabela 3 Percursos pós-secundários dos alunos dos cursos profissionais por natureza do estabelecimento de ensino	20
Tabela 4 Emprego dos alunos dos cursos profissionais durante o ensino secundário, por percurso	23
Tabela 5 Alunos dos cursos profissionais que trabalharam na área do curso, por percurso	25
Tabela 6 Relação entre os cursos profissionais e os objetivos profissionais futuros	25
Tabela 7 Representatividade dos percursos em cada categoria profissional, percentagem por ocupação do tutor	29
Tabela 8 Representatividade dos percursos em cada categoria profissional, percentagem por ocupação da tutora	29
Tabela 9 Nível de escolaridade do tutor do sexo masculino do estudante do curso profissional, por percurso	33
Tabela 10 Nível de escolaridade da tutora do estudante do curso profissional, por percurso	35
Tabela 11 Percentagem nos percursos, por região (NUTS II)	41
Tabela 12 Opinião dos alunos dos cursos profissionais sobre a preparação profissional no ensino secundário	43
Tabela 13 Motivo pelo qual optou por prosseguir estudos	44
Tabela 14 Grau de satisfação com o curso, a escola e os professores	46
Tabela 15 Competências desenvolvidas no curso profissional	47
Tabela 16 Carga horária dos trabalhos realizados	52
Tabela 17 Competências desenvolvidas pelos alunos dos cursos profissionais	56
Tabela 18 Grau de satisfação dos alunos dos cursos profissionais com o curso, escola e professores	57
Tabela 19 Grau de satisfação dos alunos dos cursos profissionais com o curso, a escola e os professores	59
Tabela 20 Opinião dos alunos sobre os principais objetivos dos cursos profissionais no ensino secundário	59
Tabela 21 Análise comparativa do conjunto de competências desenvolvidas pelos alunos dos cursos profissionais	65
Tabela 22 Variáveis explicativas selecionadas na estimação do modelo logit multinomial	67
Tabela 23 Modelo de regressão logit multinomial	72

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Método Follow-up e anos de inquirição	15
Figura 2 Percursos pós-secundários dos alunos dos cursos profissionais	18
Figura 3 Idade dos alunos dos cursos profissionais, por diferentes percursos pós-secundário	20
Figura 4 Média dos alunos dos cursos profissionais, por percurso	22
Figura 5 Nível de assiduidade dos alunos dos cursos profissionais, por percurso	22
Figura 6 Emprego atual alinhado ou não com o objetivo profissional futuro, por percurso	26
Figura 7 Representatividade das categorias profissionais da tutora dos alunos dos cursos profissionais em cada percurso pós-secundário	27
Figura 8 Representatividade das categorias profissionais dos tutores dos alunos dos cursos profissionais em cada percurso pós-secundário	28
Figura 9 Empregabilidade por grande AEF	37
Figura 10 Dificuldade dos alunos dos cursos profissionais nas disciplinas do ensino secundário, por percurso	38
Figura 11 Distribuição geográfica dos respondentes por regiões (NUTS II)	40
Figura 12 Média dos alunos dos cursos profissionais no ensino secundário, por regiões (NUTS II)	42
Figura 13 Número de disciplinas com classificação insuficiente dos alunos dos cursos profissionais	45
Figura 14 Módulos repetidos	45
Figura 15 Motivo pela escolha do curso profissional (em % de respostas)	48
Figura 16 Expectativas futuras para o pós-secundário à entrada dos cursos profissionais	49
Figura 17 Expectativas futuras para o pós-secundário à saída dos cursos profissionais	50
Figura 18 Expectativas escolares dos estudantes que concluíram cursos profissionais no ensino secundário	50
Figura 19 Último emprego conseguido	51
Figura 20 Modalidades de acesso ao mercado de trabalho para obtenção do emprego atual/último emprego	52
Figura 21 Situação no trabalho	53
Figura 22 Tipos de contratos de trabalho	53
Figura 23 Principais razões para trabalhar	54
Figura 24 Opinião dos alunos dos cursos profissionais sobre os estágios	55
Figura 25 Expectativas dos alunos dos cursos profissionais para o percurso pós-secundário	57
Figura 26 Expectativas escolares à saída dos cursos profissionais	58

Figura 27	Número de módulos repetidos pelos alunos dos cursos profissionais	58
Figura 28	Opinião dos alunos dos cursos profissionais sobre a escola	60
Figura 29	Opinião dos alunos dos cursos profissionais sobre as relações	61
Figura 30	Opinião dos alunos dos cursos profissionais sobre o curso	62
Figura 31	Opinião dos alunos dos cursos profissionais sobre o ensino	63
Figura 32	Densidade populacional e percursos pós-secundários dos alunos dos cursos profissionais	68
Figura 33	Causalidade circular em municípios de baixa densidade	73

LISTA DE ABREVIATURAS

AEF Área de Educação e Formação

CNAEF Classificação Nacional das Áreas de Educação e Formação

DGEEC Direção-Geral de Estatísticas de Educação e Ciência

EFP Ensino e Formação Profissional

FCT Formação em Contexto de Trabalho

FDA Função de Distribuição Acumulada

NENT Não Estudam nem Trabalham

OTES Observatório de Trajetos dos Estudantes do Ensino Secundário

SUMÁRIO EXECUTIVO

O presente relatório é elaborado no âmbito do **Projeto +PRO: Medir, Articular e Valorizar o Ensino Profissional em Portugal**, para o EDULOG – Fundação Belmiro de Azevedo.

O estudo visa entender os percursos dos alunos que concluíram cursos profissionais no ensino secundário obtendo assim uma certificação nível IV, sendo estes: (1) Estudar (exclusivamente); (2) Trabalhar (exclusivamente); (3) Estudar e trabalhar em simultâneo; (4) Não estudar, mas estar à procura de emprego; e, (5) Não estudar nem trabalhar (NENT).

Foram analisados dados relativos a 16516 estudantes, disponibilizados pelo Observatório dos Trajetos dos Estudantes (OTES) do Ensino Secundário, coordenado pela Direção-Geral de Estatísticas de Educação e Ciência (DGEEC). Os dados são oriundos de três inquéritos, aplicados pela DGEEC aos estudantes à entrada dos cursos profissionais¹, à saída, e catorze meses após a conclusão do 12.º ano. A amostra é composta por 16 516 indivíduos que responderam cumulativamente aos três inquéritos entre os anos de 2010 a 2019.

No que se refere às principais conclusões do presente relatório, destacam-se as seguintes:

- *Relativamente ao desempenho escolar*: a matemática é uma disciplina chave para o prosseguimento de estudos e está positivamente relacionado com o desempenho escolar dos estudantes ao longo dos cursos profissionais frequentados.
- *Ao nível microeconómico*: o nível de escolaridade dos pais e a origem socioeconómica são marcantes na construção dos percursos futuros; as condições socioeconómicas das famílias podem criar contextos (des)favoráveis em termos de transição académica.
- *Ao nível macroeconómico*: alunos dos cursos profissionais no ensino secundário residentes em municípios com maior densidade populacional têm mais probabilidade de sucesso em percursos quer profissionais, quer académicos; as características regionais (e.g., densidade populacional) interferem nos percursos dos alunos dos cursos profissionais do ensino secundário.
- *Papel das expectativas e motivações*: a intenção por parte dos indivíduos em prosseguir estudos é um importante determinante dos percursos dos alunos dos cursos profissionais após o ensino secundário; o nível de satisfação dos alunos dos cursos profissionais com o curso frequentado interfere no percurso académico e profissional após a conclusão do ensino secundário.

[1] Estudos de Necessidades Previsionais de Recursos Humanos em Saúde - Relatório Final, Universidade de Coimbra, abril de 2009; Estudo de Evolução Prospectiva de Médicos no Sistema Nacional de Saúde - Relatório Final, Universidade de Coimbra, junho de 2013.

Em termos gerais, este trabalho faz, assim, uma caracterização detalhada dos percursos dos alunos que concluíram cursos profissionais no ensino secundário obtendo assim uma certificação nível IV, permitindo uma maior compreensão dos seus estudantes e contribuindo para a discussão dos determinantes do sucesso – e do próprio conceito de sucesso – dos cursos profissionais.

I. INTRODUÇÃO

O presente estudo foi desenvolvido no âmbito do Projeto +PRO: Medir, Articular e Valorizar o Ensino Profissional em Portugal, para o EDULOG – Fundação Belmiro de Azevedo, tendo por principal objetivo caracterizar percursos dos alunos que concluíram cursos profissionais no ensino secundário obtendo assim uma certificação nível IV, também designado como ensino secundário profissional. Assim, este estudo visa entender os percursos dos diplomados do Ensino Profissional Nível IV, sendo estes: 1) Estudar (exclusivamente); 2) Trabalhar (exclusivamente); 3) Estudar e trabalhar em simultâneo; 4) Não estudar, mas estar à procura de emprego; e, 5) Não estudar nem trabalhar (NENT).

Para tal, foram utilizados três inquéritos do Observatório de Trajetos dos Estudantes do Ensino Secundário (OTES), coordenado pela Direção-Geral de Estatísticas de Educação e Ciência (DGEEC): [1] Inquérito aos Estudantes à Entrada do Secundário, aplicado aos alunos matriculados no 10.º ano; [2] Inquérito aos Estudantes à Saída do Secundário, aplicado aos alunos matriculados no 12.º ano; e, [3] Inquérito aos Jovens no Pós-Secundário, aplicado catorze meses após a conclusão esperada do 12.º ano. Para realização do presente relatório foram considerados os indivíduos que responderam cumulativamente, aos três inquéritos entre os anos de 2010 e 2019².

Os contributos da análise de dados secundários realizada neste relatório destaca-se em dois âmbitos. Por um lado, permite uma melhor compreensão dos percursos dos alunos que concluíram cursos profissionais no ensino secundário obtendo assim o nível de certificação IV em Portugal, ao centrar a análise nos percursos pós-secundário, e ao integrar uma visão longitudinal, acompanhando cada indivíduo durante e após o trajeto escolar. Por outro lado, ao adotar uma abordagem multivariada, isto é, ao relacionar mais do que duas variáveis, permite identificar aquelas que se destacam enquanto potenciadoras de cada um dos percursos, propiciando um panorama mais alargado e integrativo das características, comunalidades e diferenças associadas a cada percurso.

1.1 Transição rumo aos percursos pós-secundários

A transição pós-secundária vivenciada pelos estudantes configura-se como uma das mais difíceis, seja pelas mudanças de natureza educativa ou decorrentes de novos contextos de vida (Soares et al., 2015). De acordo com Sales et al. (2017) este é um fenómeno multifacetado, comumente

[2] Estudantes à Entrada do Ensino Secundário: 2010/11, 2013/14 e 2016/17; Estudantes à Entrada do Ensino Secundário: 2008/09, 2009/10, 2011/12, 2012/13, 2014/15, 2015/15, 2017/18 e 208/19; e Inquérito aos Jovens no Pós-Secundário: 2010, 2011, 2013, 2014, 2016, 2017, 2019.

estudado a partir de fatores organizacionais, individuais ou subjetivos. Por ser considerado um processo complexo requer um esforço em termos de identificação das necessidades gerais dos estudantes. Isto porque o reconhecimento dos fatores associados ao sucesso pós escolar pode auxiliar na transição, preparação e concretização dos objetivos académicos e profissionais futuros dos estudantes (Sales et al., 2017). A orientação acerca das possibilidades pós-secundárias, por exemplo, é um dos aspetos que devem ser levados em conta pelas instituições de ensino. Tal função deve ser exercida pelos próprios educadores durante o processo de aprendizagem. Aguiar & Conceição (2009) realçam a riqueza e o potencial transformador de um trabalho dessa natureza.

Ainda no que se refere à vida pós-escolar, Gomez (2009) aborda o ensino secundário metaforicamente como uma “ponte” que engloba diferentes possibilidades, seja pelas opções de estudo superior ou pela inserção no mercado de trabalho. Entretanto, importa referir que pode haver ainda períodos de inatividade durante esta transição.

Os níveis microeconómico e macroeconómico definem duas grandes esferas que podem ser levadas em conta na discussão sobre a transição escolar. Relativamente ao primeiro, Dias et al. (2019) realçam a estrutura de oportunidades. Esta nada mais é do que as heranças familiares a que os indivíduos estão submetidos, seja em termos de capital cultural, social ou económico. Em consonância, Andres et al. (2007) abordam a teoria de reprodução. Esta consolida que os pais não só têm aspirações para os seus filhos como proporcionam, ainda, os capitais supracitados que são necessários para criar oportunidades futuras.

Na esfera macroeconómica, Fresneda (2009) destaca alguns elementos que podem estar associados ao processo de transição rumo aos percursos pós-secundários, tal como as condições do mercado de trabalho, a empregabilidade, os direitos dos trabalhadores, o regulamento insitucional e as próprias políticas públicas que vigoram em cada contexto territorial. Segundo este autor este conjunto de condições gera padrões de transição diferentes que, somados, afetam de formas diversas as oportunidades de sucesso educacional e profissional dos estudantes.

Cabe questionar, portanto, de que forma as diferentes dimensões mencionadas favorecem ou não as trajetórias estudantis. Este leque de fatores associados aos percursos pós-secundários estão diretamente relacionadas com o objeto deste estudo.

1.2 Metodologia adotada

O presente estudo utilizou os inquéritos inseridos no âmbito do OTES coordenado pela DGEEC, realizados no período de 2010 a 2019. Foram utilizados questionários aplicados aos estudantes do ensino secundário profissional em Portugal Continental, em momentos distintos do seu percurso escolar e profissional subsequente, seguindo o método follow-

up. Assim, adotou-se como abordagem metodológica a análise longitudinal, uma vez que possibilita registar a forma como os trajetos secundário e pós-secundário se desenvolvem ao longo do período em análise (Figura 1).

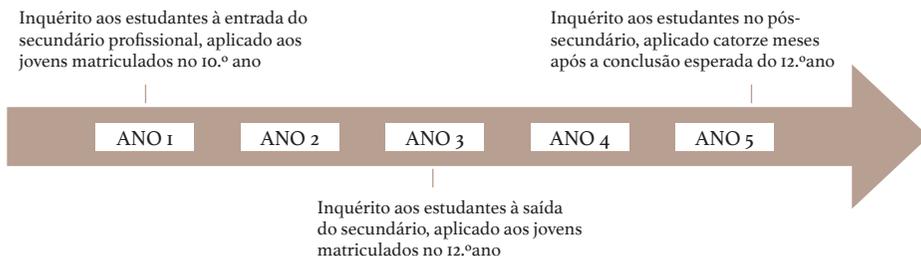


Figura 1 Método Follow-up e anos de inquirição

Fonte: Elaboração própria com base em dados DGEEC, OTES – Inquéritos à Entrada e à Saída do Ensino Secundário e Inquérito aos Jovens no Pós-Secundário 2008-2019.

Quanto às variáveis estudadas, destacam-se as seguintes dimensões: origem social e económica dos estudantes, desempenho escolar, escolhas escolares, trajetos profissionais vividos e projetados e aspetos relacionados com a escola e cidadania, como a participação ativa dos alunos na construção da vida escolar quotidiana e em atividades extra escola relevantes para o desenvolvimento de valores e de comportamentos cívicos.

Para além de análise descritiva, e por forma a identificar os fatores que afetam a probabilidade de um aluno de um curso profissional com certificação ao nível IV seguir um determinado percurso, o presente estudo aplica o modelo de regressão multinomial. Este modelo é usado quando a variável dependente assume diferentes valores discretos, como é o caso das diferentes possibilidades de percursos. No presente estudo existem cinco alternativas de percursos (P_j) pelos quais os indivíduos podem optar:

$$P_j \equiv P_r [y = j] \quad j = 1, \dots, 5 \quad (1)$$

Consideraram-se 5 variáveis binárias para cada observação (percurso) y :

$$Y_i = \begin{cases} 1, & \text{se } Y_i^* = j \\ 0, & \text{se } Y_i^* \neq j \end{cases} \quad (2)$$

Então, considerando o subscrito de indivíduo i , e regressores X , a probabilidade de que o indivíduo i escolha a j -ésima alternativa será:

$$P_{ij} \equiv Pr[y_i = j] = F_j(X_i, \beta) \quad j = 1, \dots, 5 \quad i = 1, \dots, N \quad (3)$$

A forma funcional de F_j deve ser tal que as probabilidades estejam entre 0 e 1 e somem 1 entre as alternativas. A estimação é realizada por máxima verossimilhança, sendo estes estimadores assintoticamente eficientes. Destaca-se ainda que o estudo adotou a regressão stepwise como método de ajuste. Em cada etapa, uma variável X_j é considerada para adição ou subtração do conjunto de variáveis explicativas com base num critério pré-especificado.

1.3 Organização do relatório

Nos próximos quatro capítulos são detalhados os resultados do estudo.

No **Capítulo 2** procede-se à comparação dos percursos no pós-secundário profissional, no que diz respeito ao perfil dos estudantes, média das classificações nos cursos profissionais, nível de assiduidade, natureza dos estabelecimentos de ensino frequentados, percentagem de estudantes empregados na área de formação, bem como condições socioeconómicas e escolaridade dominante na família.

No **Capítulo 3** faz-se a análise dos percursos escolhidos por região (ao nível das NUTS II).

O **Capítulo 4** tem como principal foco as motivações, opiniões e graus de satisfação com o curso profissional, estabelecendo uma comparação entre os percursos dos alunos e as as expectativas escolares e profissionais inicialmente manifestadas pelos estudantes. Ou seja, procura-se verificar em que medida as trajetórias projetadas pelos indivíduos em cada percurso se concretizaram, catorze meses após a conclusão dos cursos profissionais frequentados.

No **Capítulo 5** são apresentados modelos econométricos que explicitam o sentido e magnitude dos efeitos causais identificados para os diferentes percursos pós-secundários. A Tabela 1 sintetiza os tópicos abordados.

Finalmente, no **Capítulo 6** são apresentadas as principais conclusões. Destacam-se as implicações do estudo, identificam-se limitações e são apontadas sugestões para investigação futura.



Caracterização dos percursos no pós-secundário dos alunos dos cursos profissionais

- Perfil dos alunos e natureza do estabelecimento de ensino
- Fatores relacionados ao sucesso do processo ensino-aprendizagem
- Empregabilidade alunos dos cursos profissionais ao longo do ensino secundário
- Obtenção de emprego na área de formação à saída dos cursos profissionais
- Situação profissional do agregado familiar
- Qualificações escolares dominantes da família
- Áreas de Educação e Formação



Trajetória escolar, por região (NUTS II)

- Percursos, por região (NUTS II)
- Média no secundário profissional, por região (NUTS II)
- Preparação profissional e oportunidades de emprego, por região (NUTS II)



Alunos dos cursos profissionais que prosseguiram estudos pós-secundários

- Principais razões para prosseguir estudos
- Desempenho escolar
- Grau de satisfação com o curso, a escola e os professores
- Opiniões dos alunos dos cursos profissionais sobre o curso frequentado no ensino secundário
- Competências desenvolvidas



Alunos dos cursos profissionais que foram trabalhar no pós-secundário

- Expectativas à entrada e à saída dos cursos profissionais
- Desempenho escolar
- Último emprego conseguido
- Carga horária dos trabalhos realizados
- Meio de obtenção do emprego e situação no trabalho
- Tipos de contrato
- Razões para trabalhar e competências desenvolvidas
- Opiniões acerca dos estágios e dos cursos profissionais



Resultado das estimações

- Variáveis explicativas selecionadas na estimação dos modelos
- Cluster territorial
- Modelo de regressão logit multinomial

Tabela 1 Tabela síntese

Fonte: Elaboração própria

2. CARACTERIZAÇÃO DOS PERCURSOS PÓS-SECUNDÁRIOS DOS ALUNOS DOS CURSOS PROFISSIONAIS

2.1 Perfil dos alunos e natureza dos cursos profissionais

Os cursos profissionais conferem uma dupla certificação (escolar e profissional) e destinam-se aos indivíduos que pretendam adquirir uma qualificação profissional. É um ensino mais prático e voltado para o mundo do trabalho. Porém não exclui a hipótese de que estes indivíduos possam prosseguir estudos no ensino superior. No presente relatório são consideradas cinco possibilidades de percursos pós-secundários, os quais são discriminados na Figura 2.

ESTUDA	▶	Jovens que se encontravam exclusivamente a estudar no pós-secundário
ESTUDA E TRABALHA	▶	Jovens que estudavam e trabalhavam, em simultâneo, no pós-secundário
NÃO ESTUDA, PROCURA EMPREGO	▶	Jovens que não estavam a estudar, mas estavam à procura de emprego no pós-secundário
NENT	▶	Jovens que não foram estudar nem trabalhar no pós-secundário
TRABALHA	▶	Jovens que foram exclusivamente para o mercado de trabalho no pós-secundário

Figura 2 Percursos pós-secundários dos alunos dos cursos profissionais

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da DGEEC, OTES, Inquérito aos Jovens no Pós-Secundário, [2008-2019]

Os alunos que concluíram um curso profissional no ensino secundário, e se encontravam exclusivamente a estudar no pós-secundário, representam 31,3% da amostra (5169 estudantes). Os que estudavam e trabalhavam, em simultâneo, correspondem a 8,4% (1384 estudantes). Já os indivíduos que não estudavam, mas estavam à procura de emprego, abrangem 18,9% da amostra (3120 estudantes). Observou-se ainda que uma percentagem menor, aproximadamente 3,7%, equivalem aos denominados jovens que não foram nem estudar nem trabalhar (NENT, 611 estudantes). Os que foram exclusivamente para o mercado de trabalho representam cerca de 37,7% do total (6227 estudantes).

Quando considerado o género, nota-se que há uma parcela maior de homens a frequentar o ensino profissional, correspondente a 10014 (60,63%) do género masculino, sendo 6502 (39,37%) do género feminino. Observa-se ainda que para o género feminino, há um equilíbrio entre as mulheres que decidem ir para o mercado de trabalho (35,4%) e aquelas que optam por prosseguir estudos (34,2%). Já para o género masculino, a percentagem de indivíduos que seguiram para o mercado de trabalho é maior (representam cerca de 39,2%), quando comparado com os 29,4% que optam

por prosseguir estudos. Verifica-se ainda que a percentagem de indivíduos do género feminino que decide prosseguir estudos é um pouco maior, quando comparada com a referente aos indivíduos do género masculino. Por fim, considerando as cinco possibilidades de percursos, observa-se que os indivíduos que não foram nem estudar nem trabalhar representam 3,3% do género feminino e 4,0% do masculino. Os resultados por percurso e género são apresentados na Tabela 2.

Percursos	Total (n=16516)		Total (% por Género)		Feminino (n=6502)		Masculino (n=10014)	
	n	%	Femini- no	Mascu- lino	n	%	n	%
Estuda	5169	31,3	43,0	57,0	2224	34,2	2945	29,4
Estuda e trabalha	1384	8,4	36,3	63,7	502	7,7	882	8,8
Não estuda mas está à procura de emprego	3120	18,9	40,3	59,7	1256	19,3	1864	18,6
NENT	611	3,7	35,0	65,0	214	3,3	397	4,0
Trabalha	6227	37,7	37,0	63,0	2301	35,4	3926	39,2
(Sem resposta)	5	0	100,0	-	5	0,1	-	-

Tabela 2 Percursos dos alunos do ensino profissional, por género e total

Fonte: Elaboração própria com base nos dados de DGEEC, OTES – Inquéritos à Entrada e à Saída do Ensino Secundário e Inquérito aos Jovens no Pós-Secundário 2008-2019.

Considerando a dispersão na idade à saída do ensino profissional, desagregando pelos percursos (Figura 3), verifica-se uma maior tendência para o percurso de prosseguimento de estudos quando a conclusão do curso profissional ocorre nas faixas etárias mais jovens. Por exemplo, para os indivíduos que prosseguiram estudos, há maior representatividade etária nos 20 anos (32,3%), seguida por indivíduos de idade igual ou inferior a 19 anos (26,0%). Comparativamente, a maioria dos alunos dos cursos profissionais que foram trabalhar após terminarem o ensino secundário tinha ou 21 anos de idade (34,6%), ou idade igual ou superior a 22 anos (28,1%). Nesse sentido, constata-se uma assimetria positiva no histograma para o percurso Estuda no pós-secundário, isto é, maior frequência de indivíduos com idade igual ou inferior a 20 anos. Em contrapartida, observa-se uma assimetria negativa no histograma dos indivíduos que seguiram para o mercado de trabalho, com maior representatividade de indivíduos com idade igual ou superior a 22 anos. Destaca-se ainda a baixa percentagem (9,2%) de indivíduos NENT, com idade igual ou inferior a 19 anos. Nos demais percursos, há uma relativa variação nas faixas etárias.

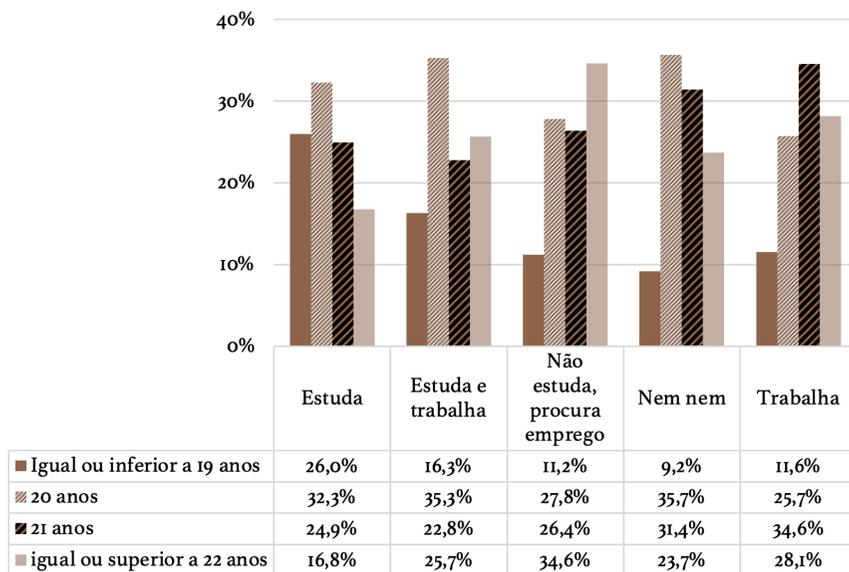


Figura 3 Idade dos alunos dos cursos profissionais, por diferentes percursos pós-secundário
 Fonte: Elaboração própria com base nos dados de DGEEC, OTES – Inquéritos à Entrada e à Saída do Ensino Secundário e Inquérito aos Jovens no Pós-Secundário 2008-2019.

Tratando-se da natureza dos estabelecimentos de ensino com cursos profissionais (público ou privado), a amostra é composta por 10579 indivíduos que estudaram na rede pública (64,1%) e 5932 na rede privada (35,9%). Nota-se uma distribuição da natureza de estabelecimento de ensino equilibrada quando considerados os percursos pós-secundários. A Tabela 3 expõe a quantidade de indivíduos por natureza dos estabelecimentos de ensino e percursos.

	Público		Privado		Total	
	n	%	n	%	n	%
Estuda	3356	31,7	1813	30,6	5169	31,3
Estuda e trabalha	837	7,9	547	9,2	1384	8,4
Não estuda mas está à procura de emprego	2094	19,8	1026	17,3	3120	18,9
NENT	364	3,4	247	4,2	611	3,7
Trabalha	3928	37,1	2299	38,8	6227	37,7
Total	10579	(64,1)	5932	(35,9)	16511^a	-

Tabela 3 Percursos pós-secundários dos alunos dos cursos profissionais por natureza do estabelecimento de ensino

^a Sem resposta (n=5, 0,1%)

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da DGEEC, OTES Inquérito aos Jovens no Pós-Secundário 2008-2019.

De realçar que, na comparação entre natureza de estabelecimentos de ensino, não se verificam diferenças na distribuição percentual dos indivíduos pelos percursos. Verifica-se que, tanto nas instituições públicas como privadas, os percursos *Trabalha* ou *Estuda* são os seguidos pela maioria dos alunos (acima de 60%).

Em síntese:

- Há uma parcela maior de homens a frequentar cursos profissionais relativamente a mulheres;
- Para o género feminino, verifica-se um equilíbrio entre os indivíduos que decidiram ir para o mercado de trabalho e aqueles que optaram por prosseguir estudos;
- Para o género masculino, a percentagem de indivíduos que seguiram para o mercado de trabalho é maior;
- O percurso *Estuda* é caracterizado maioritariamente por indivíduos de faixas etárias mais jovens, de 20 anos ou menos. Por outro lado, no percurso *Trabalha* predomina a faixa etária de 21 anos ou mais;
- Há uma baixa percentagem de indivíduos no percurso *NENT* com idade igual ou inferior a 19 anos;
- Há um equilíbrio percentual entre os diferentes percursos, quando considerada a natureza pública ou privada da instituição.

2.2 Fatores relacionados com o sucesso do processo ensino-aprendizagem

Relativamente às médias das classificações nos cursos profissionais, observa-se que, tanto para os indivíduos que prosseguiram estudos (de forma exclusiva), como para os indivíduos que estudam e trabalham, a percentagem de indivíduos com melhores médias é superior. Em ambos os casos, cerca de 47% dos estudantes estão no intervalo entre os 15 e os 17 valores, seguida por 46% de indivíduos no intervalo de 10 a 14 valores, o que não se observa para os demais percursos. Por exemplo, quando considerados os estudantes que já não estão a estudar, mas procuram emprego, 67% têm uma média entre os 10 e os 14 valores e 29% encontram-se no intervalo de 15 a 17 valores. Observa-se ainda que não há indivíduos no grupo *NENT* que tenham atingido uma média entre os 18 e os 20 valores. Há uma maior representatividade neste intervalo para o percurso que prosseguiu estudos de forma exclusiva, onde aproximadamente 6% obtiveram uma média entre os 18 e os 20 valores, contra 4% nos percursos *Estuda* e *Trabalha* e *Trabalha*, e 2% para os que *Não estudam, mas procuram emprego*. Importa salientar que cerca de 13% da amostra não respondeu a esta questão.

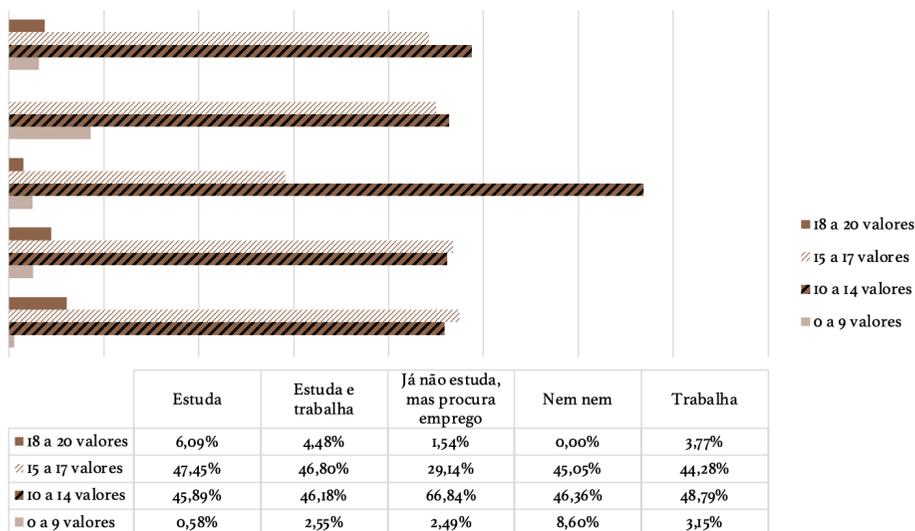


Figura 4 Média dos alunos dos cursos profissionais, por percurso

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da DGEEC, OTES – Inquéritos à Entrada e à Saída do Ensino Secundário e Inquérito aos Jovens no Pós-Secundário 2008-2019.

Na sequência da análise dos fatores considerados importantes para o sucesso do processo ensino-aprendizagem, procedeu-se à análise do nível de assiduidade dos estudantes.

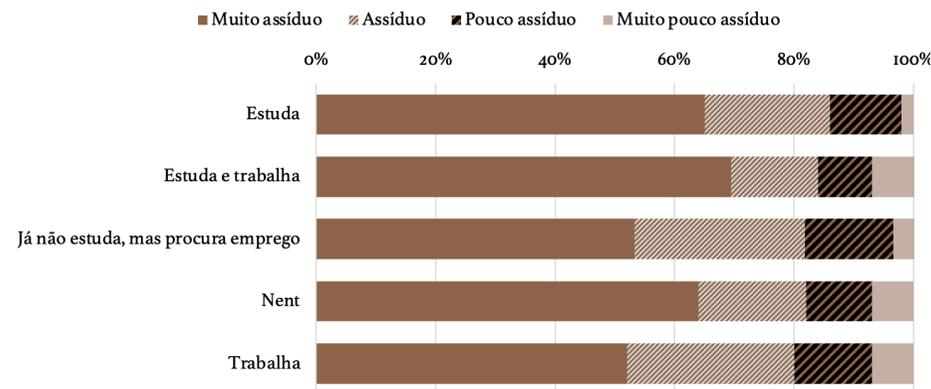


Figura 5 Nível de assiduidade dos alunos dos cursos profissionais, por percurso.

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da DGEEC, OTES – Inquéritos à Entrada e à Saída do Ensino Secundário e Inquérito aos Jovens no Pós-Secundário 2008-2019.

De forma geral os indivíduos reportam níveis de assiduidade elevados, sendo que 80% são assíduos ou muito assíduos, independentemente do percurso seguido (Figura 5).

Em síntese:

- As médias são superiores para os percursos *Estuda* e *Estuda e Trabalha* relativamente aos demais percursos;
 - No caso específico do percurso *NENT* não há indivíduos com médias entre os 18 e os 20 valores;
 - Para o percurso *Trabalha* o intervalo de notas entre os 10 e os 14 valores é predominante.
- Por outro lado, para o percurso *Estuda* o intervalo preponderante é o de 15 a 17 valores;
- O percurso em que mais indivíduos relataram muita assiduidade ao longo do ensino secundário profissional refere-se ao *Estuda e Trabalha*;
 - De modo geral, observou-se um nível de assiduidade igual ou superior a 80% nos diferentes percursos.

2.3 Empregabilidade dos alunos dos cursos profissionais ao longo do ensino secundário

A inserção profissional ao longo do ensino secundário é apresentada na Tabela 4. Destaca-se que cerca de 65,8% dos estudantes que estão a estudar e trabalhar no pós-secundário disseram ter trabalhado no decurso do ensino secundário. De forma semelhante, é verificada uma percentagem pouco acima de 50% para os indivíduos que seguiram exclusivamente para o mercado de trabalho.

Observa-se que cerca de 33,3% dos indivíduos que prosseguiram estudos responderam já terem trabalhado no decorrer dos cursos (apesar de não especificarem o tipo de trabalho exercido). Esta percentagem é a menor comparativamente aos restantes percursos, mesmo quando analisado o total amostral (20,9%).

Percursos	Total geral (n=16516)			Total por percurso (n=16516)			Empregado (n=7165)		Não empregado (n=9341)	
	Empregado	Não empregado	Total	Empregado	Não empregado	Total	n	%	n	%
Estuda	20,9	10,4	31,3	33,3	66,7	100	1723	24	3446	36,9
Estuda e trabalha	2,9	5,5	8,4	65,8	34,2	100	910	12,7	474	5,1
Não estuda mas está à procura de emprego	11,9	7	18,9	37	63	100	1154	16,1	1966	21
NENT	2,4	1,3	3,7	36,3	63,7	100	222	3,1	389	4,2
Trabalha	18,6	19,1	37,7	50,7	49,2	100	3156	44	3066	32,8
Total	56,7	43,3	100	43,4	56,6	100	7165	100	9341	100

Tabela 4 Emprego dos alunos dos cursos profissionais durante o ensino secundário, por percurso.

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da DGEEC, OTES – Inquéritos à Entrada e à Saída do Ensino Secundário e Inquérito aos Jovens no Pós-Secundário 2008-2019.

No que se refere à percentagem do total amostral, os percursos pós-secundário com mais indivíduos que disseram não ter trabalhado ao longo dos cursos profissionais são: *Trabalha* (19,1%), *Estuda* (10,4%), *Não estuda, mas procura emprego* (7,0%), *Estuda e trabalha* (5,5%), *NENT* (1,3%).

Além disso, do total amostral, cerca de 1118 estudantes (6,7%) alegaram que suas famílias possuíam dificuldades económicas e, por esse motivo, precisavam ter uma fonte de rendimento. Destes, 53% eram do género masculino e 47% do feminino.

Em síntese:

- Considerando o percurso *Estuda*, observa-se que há mais indivíduos dos cursos profissionais que não tiveram emprego ao longo do ensino secundário relativamente aos que tiveram;

- Por outro lado, para os percursos *Estuda e Trabalha* e *Trabalha* a percentagem de empregados ao longo do curso é maior relativamente aos não empregados;

- A maior parte dos indivíduos que foram trabalhar devido ao facto das suas famílias terem dificuldades económicas são do género masculino.

2.4 Obtenção de emprego na área de formação à saída dos cursos profissionais

Tendo em conta a atuação profissional na área de formação, observou-se que, independente do percurso no pós-secundário, dos 3379 respondentes (20,5% do total amostral), a maioria (>60%) reporta nunca ter trabalhado naquilo que pensava vir a desenvolver profissionalmente no futuro. Em contraposição, a percentagem mais baixa é observada para o percurso no qual os indivíduos prosseguiram estudos e não foram trabalhar (apenas 12% obtiveram experiência profissional na área de formação, quando questionados à saída dos cursos).

Evidencia-se uma maior representatividade de estudantes que atuaram na sua área de formação para o grupo de indivíduos que estavam inseridos no mercado de trabalho (de forma exclusiva, 50,0%), sendo o inverso observado no grupo de estudantes *NENT* (apenas 1,3%). De forma geral, as percentagens de respostas entre os percursos são relativamente similares, como mostra a Tabela 5.

Percurso / Trabalhou na área	Total			Não		Sim	
	n	Não (%)	Sim (%)	n	%	n	%
Estuda	673	66,4	33,6	447	20,6	226	18,7
Estuda e trabalha	565	65,0	35,0	367	16,9	198	16,4
Não estuda mas está à procura de emprego	451	63,4	36,6	286	13,2	165	13,6
NENT	129	87,6	12,4	113	5,2	16	1,3
Trabalha	1561	61,2	38,8	955	44,0	606	50,0
Total	3379	64,2	35,8	2168	100,0	1211	100,0

Tabela 5 Alunos dos cursos profissionais que trabalharam na área do curso, por percurso.

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da DGEEC, OTES – Inquéritos à Entrada e à Saída do Ensino Secundário e Inquérito aos Jovens no Pós-Secundário 2008-2019.

Procedeu-se à análise relacionada com os projetos profissionais futuros dos indivíduos. Nota-se que, daqueles que prosseguiram estudos, 79% afirmaram não ter emprego na profissão que ambicionavam. Com efeito, com exceção dos que apenas trabalham, as percentagens para as demais trajetórias no pós-secundários são acima de 50%. Verifica-se, assim, um desalinhamento entre as profissões dos alunos e as áreas de formação pretendidas. De realçar, ainda, que não foi observado nenhum respondente para o percurso *NENT*.

Percurso	Total		Não		Sim	
	n	n	%	n	%	
Estuda	567	448	79,0	119	21,0	
Estuda e trabalha	944	601	63,7	343	36,3	
Não estuda mas está à procura de emprego	739	543	73,5	196	26,5	
NENT	0	0	0	0	0	
Trabalha	4281	1954	45,6	2327	54,4	
Total	6531	3546	(54,3)	2985	(45,7)	

Tabela 6 Relação entre os cursos profissionais e os objetivos profissionais futuros.

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da DGEEC, OTES – Inquéritos à Entrada e à Saída do Ensino Secundário e Inquérito aos Jovens no Pós-Secundário 2008-2019.

Na Figura 6 é possível observar a distribuição percentual dos estudantes que afirmaram ter desempenhado uma profissão relacionada com o que pretendiam para o futuro, ou não.

Observa-se que dos que responderam *Sim*, isto é, dos que manifestaram ter um emprego alinhado com os objetivos profissionais futuros, a maior parte encontrava-se no percurso *Trabalha*.

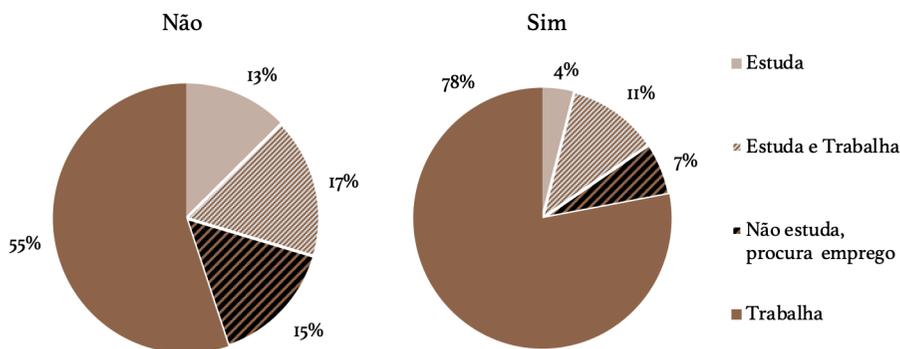


Figura 6 Emprego atual alinhado ou não com o objetivo profissional futuro, por percurso.

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da DGEEC, OTES – Inquéritos à Entrada e à Saída do Ensino Secundário e Inquérito aos Jovens no Pós-Secundário 2008-2019.

Em síntese:

- Mais de 50% dos estudantes reportaram nunca ter trabalhado na sua área de formação;
- Evidencia-se uma maior representatividade de estudantes que atuaram na sua área de formação e prosseguiram para o percurso *Trabalha* e menor representatividade no percurso *NENT*.
- Em geral, há um desalinhamento entre as profissões dos indivíduos e as áreas de formação pretendidas.

2.5 Situação profissional do agregado familiar

Pretende-se nesta subsecção identificar as condições socioeconómicas dos agregados familiares dos estudantes a partir de questões como ocupação e níveis de escolaridade dos tutores. É feita uma análise desagregada por percurso, permitindo identificar quais as ocupações profissionais e qualificações escolares dominantes da família dos alunos dos cursos profissionais, conforme o percurso pós-secundário no qual se encontram.

A maioria dos indivíduos são oriundos de famílias em que os tutores são trabalhadores por conta de outrem, seja no caso da tutora (Figura 7) ou do tutor (Figura 8). Observa-se que a segunda maior percentagem em termos de ocupação do tutor é na categoria patrão (15,9%). Já no caso das tutoras, a segunda maior percentagem pertence ao grupo outras situações (9,2%). Considerando os tutores, é possível observar um padrão semelhante para o caso específico dos indivíduos que não prosseguiram estudos nem foram para o mercado de trabalho. A segunda maior percentagem refere-se à ocupação de patrão (9%), seguida pelo trabalho por conta própria (7,2%), outras situações (4,1%) e trabalho em negócio familiar (3,9%). Entretanto, para as tutoras, a percentagem na categoria patrão é nula, sendo o trabalho por conta própria o mais representativo (9,7%).

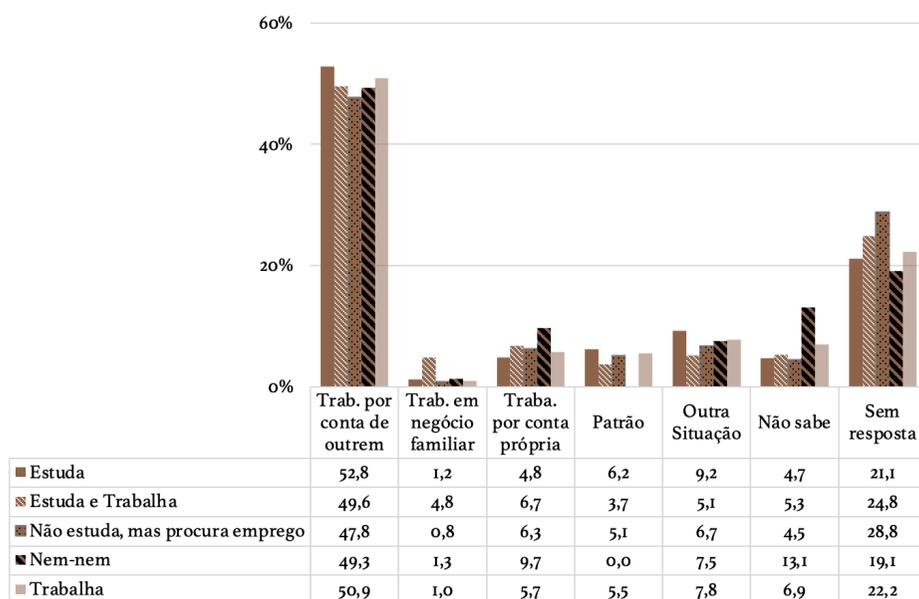


Figura 7 Representatividade das categorias profissionais da tutora dos alunos dos cursos profissionais em cada percurso pós-secundário

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da DGEEC, OTES – Inquéritos à Entrada e à Saída do Ensino Secundário e Inquérito aos Jovens no Pós-Secundário 2008-2019.

Considerando os tutores, é possível observar um padrão semelhante para o caso específico dos indivíduos que não prosseguiram estudos nem foram para o mercado de trabalho. A segunda maior percentagem refere-se à ocupação de patrão (9%), seguida pelo trabalho por conta própria (7,2%), outras situações (4,1%) e trabalho em negócio familiar (3,9%). Entretanto, para as tutoras, a percentagem na categoria patrão é nula, sendo o trabalho por conta própria o mais representativo (9,7%).

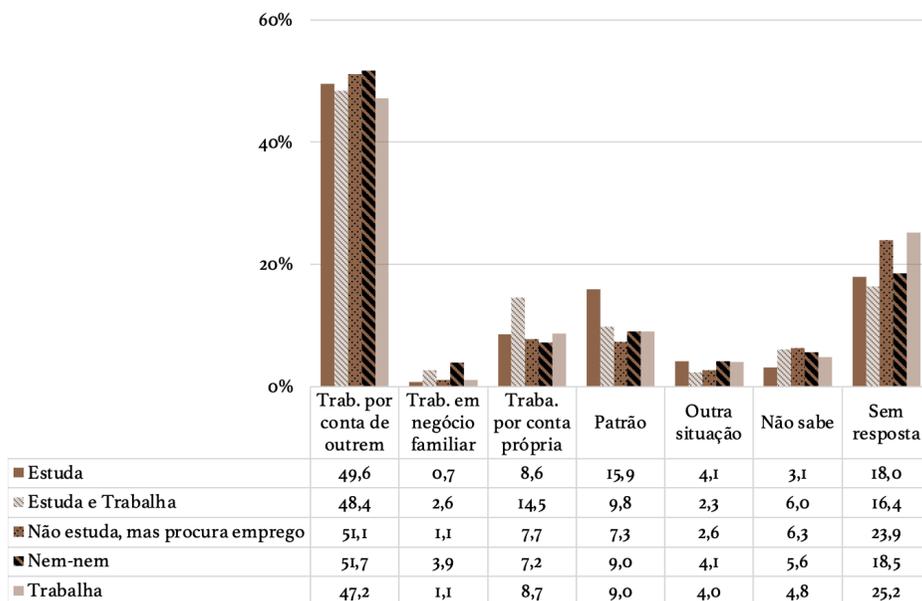


Figura 8 Representatividade das categorias profissionais dos tutores dos alunos dos cursos profissionais em cada percurso pós-secundário.

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da DGEEC, OTES – Inquéritos à Entrada e à Saída do Ensino Secundário e Inquérito aos Jovens no Pós-Secundário 2008-2019.

Quando considerada a representatividade dos percursos em cada situação profissional familiar, observa-se que, parte considerável dos estudantes que têm tutores *Trabalhadores por conta própria*, estão a trabalhar no pós-secundário profissional (37%). Já para a ocupação de Patrão, 46% têm educandos que optaram por prosseguir estudos. A menor percentagem, nessa situação profissional, é referente ao percurso NENT (aproximadamente 3%).

Relativamente aos tutores cuja ocupação é *Trabalhar em negócio familiar*, verifica-se que uma percentagem mais alta de estudantes destes agregados familiares seguiram exclusivamente para o mercado de trabalho (35%).

Tutor	Trab. por conta de outrem		Trab. em negócio familiar		Trab. por conta própria		Patrão		Outra Situação		Não sabe	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
Estuda	2562	32	35	18	445	30	821	46	210	35	158	21
Estuda e trabalha	670	8	36	18	200	14	135	7	32	5	83	11
Não estuda mas está à procura de emprego	1594	20	33	17	241	16	229	13	82	14	196	25
NENT	316	4	24	12	44	3	55	3	25	4	34	4
Trabalha	2940	36	68	35	541	37	561	31	249	42	297	39
Total	8082	100	196	100	1471	100	1801	100	598	100	768	100

Tabela 7 Representatividade dos percursos em cada categoria profissional, percentagem por ocupação do tutor.

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da DGEEC, OTES – Inquéritos à Entrada e à Saída do Ensino Secundário e Inquérito aos Jovens no Pós-Secundário 2008-2019.

No caso das tutoras que estão na situação de Trabalho em negócio familiar ou Patrão, observa-se certo equilíbrio entre dois dos percursos pós-secundário, sendo eles estudar ou trabalhar exclusivamente. Não há grande variação nas percentagens destes percursos quando analisadas tais ocupações (Tabela 8).

Tutor	Trab. por conta de outrem		Trab. em negócio familiar		Trab. por conta própria		Patrão		Outra Situação		Não sabe	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
Estuda	2731	32	60	27	247	26	323	37	473	37	241	25
Estuda e trabalha	686	8	67	30	93	10	51	6	71	6	74	8
Não estuda mas está à procura de emprego	1492	18	26	12	198	21	159	18	209	16	140	14
NENT	301	4	8	4	59	6	0	0	46	4	80	8
Trabalha	3169	38	61	27	355	37	345	39	488	38	431	45
Total	8379	100	222	100	952	100	878	100	1287	100	966	100

Tabela 8 Representatividade dos percursos em cada categoria profissional, percentagem por ocupação da tutora.

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da DGEEC, OTES – Inquéritos à Entrada e à Saída do Ensino Secundário e Inquérito aos Jovens no Pós-Secundário 2008-2019.

Em síntese:

- A maioria dos indivíduos são oriundos de famílias em que os tutores(as) são *Trabalhadores por conta de outrem*;
- Considerando os tutores, a segunda maior percentagem refere-se à ocupação de *Patrão*. Por outro lado, para as tutoras, a percentagem na categoria *Patrão* é nula;
- Tendo em conta os tutores que trabalham em negócios familiares, verifica-se que a maior percentagem de jovens provenientes destes agregados familiares seguiram exclusivamente para o mercado de trabalho;
- Não há grande variação no que se refere às ocupações das tutoras e aos percursos pós-secundários seguidos pelos educandos.

2.6 Habilitações escolares dominantes da família

Na análise do nível de escolaridade do agregado familiar dos estudantes são considerados diferentes grupos de habilitações³. Aqui importa referir que a percentagem de indivíduos que disse não saber ou que simplesmente não respondeu à questão corresponde a cerca de 25% das respostas em relação ao pai/ padrasto/ tutor e 13% em relação à mãe/ madrasta/ tutora.

Considerando a análise específica por percurso pós-secundário, observa-se que:

- Para o percurso *Estuda* (exclusivamente) a percentagem de tutores(as) sem grau de habilitação é a mais baixa (Tabela 9 e Tabela 10);
- No que se refere ao percurso *Estuda e Trabalha*, a maioria dos tutores(as) tem habilitações que vão do primeiro ciclo do ensino básico ao ensino secundário. Destaca-se a ausência de tutoras com doutoramento, possuindo 4,3% mestrado. A percentagem de tutores detentores do grau de mestre é mais baixa (2,1%), detendo 0,9% doutoramento;
- Para os indivíduos que *Não estudam, mas estão à procura de emprego* observa-se que 6,2% dos tutores têm ensino superior, contra 63,9% que não têm. Para as tutoras as percentagens são 7,6% com ensino superior e 75,7% sem este grau de escolaridade. Considerando todos os níveis de escolaridade, nota-se mais tutores(as) com o primeiro ciclo do ensino básico;
- No percurso *NENT* não foram observados indivíduos com tutores(as) que tivessem o nível de escolaridade doutoramento. Por sua vez, no que refere ao mestrado, 1% das tutoras detêm esse nível de escolaridade. Por outro lado, cerca de 2,5%, dos pais/padrastos/ tutores e 2% das mães/madrasas/tutoras não têm nenhum grau de escolaridade;

[3] Oito grupos de habilitações, sendo eles: (0) Nenhuma habilitação; (1) 1º ciclo do ensino básico; (2) 2º ciclo do ensino básico; (3) 3º ciclo do ensino básico; (4) ensino secundário; (5) bacharelato; (6) licenciatura; (7) mestrado; (8) doutoramento.

• Por fim, considerando o percurso *Trabalha* (*exclusivamente*), nota-se que 28,7% dos indivíduos têm tutores com o primeiro ciclo do ensino básico. Este nível de escolaridade é o mais proeminente nos núcleos familiares. Por outro lado, a menor representatividade refere-se aos níveis de pós-graduação: mestrado (0,4%) e doutoramento (0,1%). Percentagens semelhantes são observadas para mães/madras: 25,5% têm o primeiro ciclo do ensino básico, 1,1% têm mestrado, e, apenas 0,2%, doutoramento.

Pai/ Padrasto/ Tutor		Percurso					Total
		Estuda	Estuda e Trabalha	Não estuda, procura emprego	NENT	Trabalha	
Nenhum	n	44	15	17	15	107	198
	% em "Escolaridade do tutor"	22,2%	7,6%	8,6%	7,6%	54,0%	100,0%
	% em "Percurso"	0,9%	1,1%	0,5%	2,5%	1,7%	1,2%
	% do Total	0,3%	0,1%	0,1%	0,1%	0,6%	1,2%
1º ciclo do ensino básico	n	798	290	808	109	1790	3795
	% em "Escolaridade do tutor"	21,0%	7,6%	21,3%	2,9%	47,2%	100,0%
	% em "Percurso"	15,4%	21,0%	25,9%	17,8%	28,7%	23,0%
	% do Total	4,8%	1,8%	4,9%	0,7%	10,8%	23,0%
2º ciclo do ensino básico	n	679	177	418	91	681	2046
	% em "Escolaridade do tutor"	33,2%	8,7%	20,4%	4,4%	33,3%	100,0%
	% em "Percurso"	13,1%	12,8%	13,4%	14,9%	10,9%	12,4%
	% do Total	4,1%	1,1%	2,5%	0,6%	4,1%	12,4%
3º ciclo do ensino básico	n	874	249	344	74	823	2364
	% em "Escolaridade do tutor"	37,0%	10,5%	14,6%	3,1%	34,8%	100,0%
	% em "Percurso"	16,9%	18,0%	11,0%	12,1%	13,2%	14,3%
	% do Total	5,3%	1,5%	2,1%	0,4%	5,0%	14,3%
Ensino secundário	n	1058	257	409	142	647	2518
	% em "Escolaridade do tutor"	42,0%	10,2%	16,2%	5,6%	25,7%	100,0%
	% em "Percurso"	20,5%	18,6%	13,1%	23,2%	10,4%	15,2%
	% do Total	6,4%	1,6%	2,5%	0,9%	3,9%	15,2%

Pai/ Padrasto/ Tutor		Percurso					Total
		Estuda	Estuda e Trabalha	Não estuda, procura emprego	NENT	Trabalha	
Bacharelato	n	64	13	36	12	97	222
	% em "Escolaridade do tutor"	28,8%	5,9%	16,2%	5,4%	43,7%	100,0%
	% em "Percurso"	1,2%	0,9%	1,2%	2,0%	1,6%	1,3%
	% do Total	0,4%	0,1%	0,2%	0,1%	0,6%	1,3%
Licenciatura	n	450	83	39	38	263	873
	% em "Escolaridade do tutor"	51,5%	9,5%	4,5%	4,4%	30,1%	100,0%
	% em "Percurso"	8,7%	6,0%	1,3%	6,2%	4,2%	5,3%
	% do Total	2,7%	0,5%	0,2%	0,2%	1,6%	5,3%
Mestrado	n	66	29	70	<5	23	188
	% em "Escolaridade do tutor"	35,1%	15,4%	37,2%	-	12,2%	100,0%
	% em "Percurso"	1,3%	2,1%	2,2%	-	0,4%	1,1%
	% do Total	0,4%	0,2%	0,4%	-	0,1%	1,1%
Doutoramento	n	119	12	48	<5	7	186
	% em "Escolaridade do tutor"	64,0%	6,5%	25,8%	-	3,8%	100,0%
	% em "Percurso"	2,3%	0,9%	1,5%	-	0,1%	1,1%
	% do Total	0,7%	0,1%	0,3%	-	0,0%	1,1%
Não sabe	n	162	31	254	26	294	767
	% em "Escolaridade do tutor"	21,1%	4,0%	33,1%	3,4%	38,3%	100,0%
	% em "Percurso"	3,1%	2,2%	8,1%	4,3%	4,7%	4,6%
	% do Total	1,0%	0,2%	1,5%	0,2%	1,8%	4,6%
NR	n	855	228	677	104	1495	3359
	% em "Escolaridade do tutor"	25,5%	6,8%	20,2%	3,1%	44,5%	100,0%
	% em "Percurso"	16,5%	16,5%	21,7%	17,0%	24,0%	20,3%
	% do Total	5,2%	1,4%	4,1%	0,6%	9,1%	20,3%

Pai/ Padrasto/ Tutor	Percursos					Total
	Estuda	Estuda e Trabalha	Não estuda, procura emprego	NENT	Trabalha	
n	5,2%	1,4%	4,1%	0,6%	9,1%	20,3%
% em "Escolaridade do tutor"	28,8%	5,9%	16,2%	5,4%	43,7%	100,0%
% em "Percursos"	1,2%	0,9%	1,2%	2,0%	1,6%	1,3%
% do Total	0,4%	0,1%	0,2%	0,1%	0,6%	1,3%

Tabela 9 Nível de escolaridade do tutor do sexo masculino do estudante do curso profissional, por percurso

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da DGEEC, OTES – Inquéritos à Entrada e à Saída do Ensino Secundário e Inquérito aos Jovens no Pós-Secundário 2008-2019.

Olhando de forma mais agregada para todos os percursos, dos tutores que não têm nenhuma habilitação, cerca de 54% são tutores de estudantes que prosseguiram exclusivamente para o mercado de trabalho e 41,6% tutoras. Estas percentagens são as mais elevadas, comparativamente aos demais percursos pós-secundário.

No que toca ao primeiro ciclo do ensino básico, observa-se maior representatividade de tutoras de indivíduos que seguiram de forma exclusiva para o mercado de trabalho. Já a nível secundário, há um equilíbrio entre as distribuições para esses dois percursos. Considerando tutoras com bacharelato, licenciatura, mestrado ou doutoramento, observa-se uma inversão dessa tendência. Isto é, os indivíduos que prosseguiram estudos têm tutoras mais escolarizadas. Além disso, nota-se que à medida que o grau de escolaridade aumenta, mais expressiva é a diferença entre tais percursos. Por exemplo, no caso em que as tutoras têm doutoramento, 77,6% são responsáveis por indivíduos que prosseguiram estudos, sendo apenas 6,4% responsáveis por indivíduos que foram trabalhar no pós-secundário.

Mãe/ Madrasta/ Tutor		Percurso					Total
		Estuda	Estuda e Trabalha	Não estuda, procura emprego	NENT	Trabalha	
Nenhum	n	73	22	21	12	91	219
	% em "Escolaridade do tutor"	33,3%	10,0%	9,6%	5,5%	41,6%	100,0%
	% em "Percurso"	1,4%	1,6%	0,7%	2,0%	1,5%	1,3%
	% do Total	0,4%	0,1%	0,1%	0,1%	0,6%	1,3%
1º ciclo do ensino básico	n	976	362	851	142	1590	3921
	% em "Escolaridade do tutor"	24,9%	9,2%	21,7%	3,6%	40,6%	100,0%
	% em "Percurso"	18,9%	26,2%	27,3%	23,2%	25,5%	23,7%
	% do Total	5,9%	2,2%	5,2%	0,9%	9,6%	23,7%
2º ciclo do ensino básico	n	483	218	279	112	902	1994
	% em "Escolaridade do tutor"	24,2%	10,9%	14,0%	5,6%	45,2%	100,0%
	% em "Percurso"	9,3%	15,8%	8,9%	18,3%	14,5%	12,1%
	% do Total	2,9%	1,3%	1,7%	0,7%	5,5%	12,1%
3º ciclo do ensino básico	n	825	187	697	110	1099	2918
	% em "Escolaridade do tutor"	28,3%	6,4%	23,9%	3,8%	37,7%	100,0%
	% em "Percurso"	16,0%	13,5%	22,3%	18,0%	17,6%	17,7%
	% do Total	5,0%	1,1%	4,2%	0,7%	6,7%	17,7%
Ensino secundário	n	1187	276	514	158	1215	3350
	% em "Escolaridade do tutor"	35,4%	8,2%	15,3%	4,7%	36,3%	100,0%
	% em "Percurso"	23,0%	19,9%	16,5%	25,9%	19,5%	20,3%
	% do Total	7,2%	1,7%	3,1%	1,0%	7,4%	20,3%
Bacharelato	n	100	25	41	<5	45	211
	% em "Escolaridade do tutor"	47,4%	11,8%	19,4%	-	21,3%	100,0%
	% em "Percurso"	1,9%	1,8%	1,3%	-	0,7%	1,3%
	% do Total	0,6%	0,2%	0,2%	-	0,3%	1,3%

Mãe/ Madrasta/ Tutor		Percurso					Total
		Estuda	Estuda e Trabalha	Não estuda, procura emprego	NENT	Trabalha	
Licenciatura	n	690	92	90	22	270	1164
	% em "Escolaridade do tutor"	59,3%	7,9%	7,7%	1,9%	23,2%	100,0%
	% em "Percurso"	13,3%	6,6%	2,9%	3,6%	4,3%	7,0%
	% do Total	4,2%	0,6%	0,5%	0,1%	1,6%	7,0%
Mestrado	n	170	60	80	6	68	384
	% em "Escolaridade do tutor"	44,3%	15,6%	20,8%	1,6%	17,7%	100,0%
	% em "Percurso"	3,3%	4,3%	2,6%	1,0%	1,1%	2,3%
	% do Total	1,0%	0,4%	0,5%	0,0%	0,4%	2,3%
Doutoramento	n	121	<5	25	<5	10	156
	% em "Escolaridade do tutor"	77,6%	-	16,0%	-	6,4%	100,0%
	% em "Percurso"	2,3%	-	0,8%	-	0,2%	0,9%
	% do Total	0,7%	-	0,2%	-	0,1%	0,9%
Não sabe	n	191	16	205	15	318	745
	% em "Escolaridade do tutor"	25,6%	2,1%	27,5%	2,0%	42,7%	100,0%
	% em "Percurso"	3,7%	1,2%	6,6%	2,5%	5,1%	4,5%
	% do Total	1,2%	0,1%	1,2%	0,1%	1,9%	4,5%
NR	n	353	126	317	34	619	1454
	% em "Escolaridade do tutor"	24,3%	8,7%	21,8%	2,3%	42,6%	100,0%
	% em "Percurso"	6,8%	9,1%	10,2%	5,6%	9,9%	8,8%
	% do Total	2,1%	0,8%	1,9%	0,2%	3,7%	8,8%
Total	n	5169	1384	3120	611	6227	16516
	% em "Escolaridade do tutor"	31,3%	8,4%	18,9%	3,7%	37,7%	100,0%
	% em "Percurso"	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
	% do Total	31,3%	8,4%	18,9%	3,7%	37,7%	100,0%

Tabela 10 Nível de escolaridade da tutora do estudante do curso profissional, por percurso

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da DGEEC, OTES – Inquéritos à Entrada e à Saída do Ensino Secundário e Inquérito aos Jovens no Pós-Secundário 2008-2019.

Ainda no que se refere a esses dois percursos, para os tutores a diferença educacional é mais perceptível no grau de escolarização de mestrado e doutoramento. A nível de mestrado nota-se que 35,1% são responsáveis por estudantes que prosseguiram estudos, contra 12,2% que foram para o mercado de trabalho. Com doutoramento o *gap* é ainda maior, 64% (estuda), contra 3,8% (trabalha).

Adicionalmente, a nível da escolaridade verifica-se um equilíbrio percentual entre os tutores licenciados e bacharéis. Por um lado, há cerca de 65,9% mais pais/padrapos/tutores com escolaridade ao nível da licenciatura de indivíduos que seguiram para o mercado de trabalho. Por outro lado, no nível de escolaridade *Bacharelato*, observa-se maior representatividade para o percurso Estuda (de forma exclusiva), com 58,44% mais tutores de indivíduos nesse contexto, comparativamente ao percurso Trabalhar (exclusivo). Tratando-se dos demais níveis de formação, não se observa uma tendência clara.

Em síntese:

- A percentagem de tutores(as) sem nenhum grau de escolaridade é menor para o percurso *Estuda*;
- No que se refere ao percurso *Estuda e Trabalha*, a maioria dos tutores(as) têm habilitações que vão do primeiro ciclo do ensino básico ao ensino secundário;
- Para os indivíduos que *Não estudam*, mas estão à procura de emprego observa-se mais tutores(as) com o primeiro ciclo do ensino básico;
- No percurso *NENT* não foram observados indivíduos com tutores(as) que tivessem o nível de escolaridade relativo ao doutoramento;
- No tocante ao primeiro ciclo de ensino básico, observa-se maior representatividade de tutoras de indivíduos que seguiram de forma exclusiva para o mercado de trabalho, relativamente aos que prosseguiram estudos;
- Quando maior o nível de escolaridade das tutoras, maior a percentagem de indivíduos que prosseguiram estudos. Nota-se um *gap* educacional entre os percursos no grau de escolarização de mestrado e doutoramento. Este *gap* é crescente à medida que a habilitação do tutor cresce, sendo que os indivíduos que se encontram no percurso Estuda têm tutores mais escolarizados relativamente aos demais.

2.7 Áreas de Educação e Formação

Ao analisar os indivíduos que trabalham e estudam, por grande área de educação e formação (AEF), destaca-se que 42,8% dos respondentes reportam estar empregados na área de Ciências Matemáticas e Informática. Para as demais áreas, a empregabilidade reportada é, no geral, inferior a 40%. A área da Educação, por exemplo, apresenta a menor percentagem: apenas 3,6% reportam estar a trabalhar nesta grande área. As percentagens das demais AEF podem ser verificadas na Figura 9.

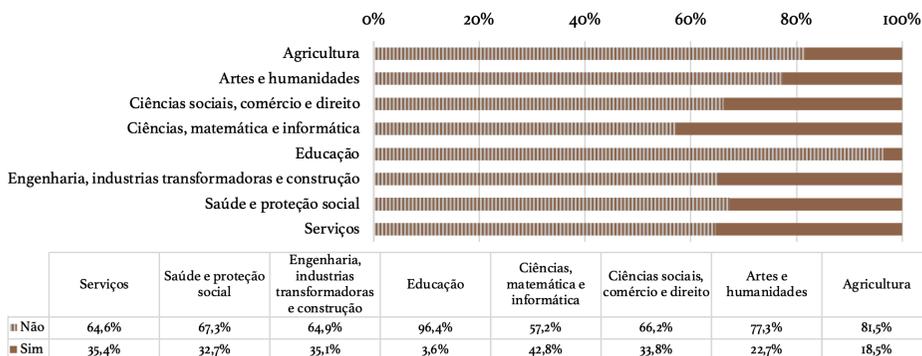


Figura 9 Empregabilidade por grande AEF

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da DGEEC, OTES – Inquéritos à Entrada e à Saída do Ensino Secundário e Inquérito aos Jovens no Pós-Secundário 2008-2019.

A Figura 10 mostra as disciplinas em que os alunos dos cursos profissionais relataram ter maiores dificuldades à saída do ensino secundário. Os estudantes puderam assinalar o número de disciplinas que consideraram necessário. Realça-se que Matemática, língua portuguesa e Inglês correspondem às disciplinas com maior percentagem de relatos de dificuldade. Na comparação entre os percursos, exceto para os percursos *NENT* e *Estuda e Trabalha*, a maioria dos indivíduos alegaram ter dificuldades a Matemática. Daqueles que prosseguiram estudos, 29,6% disseram ter dificuldades em Matemática. Percentagem pouco maior foi observada noutros dois percursos, nomeadamente o percurso *Trabalha* (cerca de 31,4%), e *Não estudam, mas procuram emprego* (34,8%).

No caso específico dos *NENT*, apesar de a Matemática também ser apontada como uma disciplina na qual 22,7% dos indivíduos têm dificuldade, Inglês e Informática são as disciplinas com maior representatividade, correspondente a 43,9% e 31,4%, respetivamente. Considerando o percurso *Estuda e trabalha*, a maior dificuldade assinalada foi em Geometria Descritiva (31,1%). Relativamente a esta disciplina, observa-se uma dificuldade geral entre os estudantes das Ciências Exatas.

Dos estudantes que à saída dos cursos profissionais relataram não ter dificuldade em nenhuma disciplina, a maioria prosseguiu estudos (cerca de 18,6%). Por outro lado, uma percentagem quase cinco vezes menor dos *NENT* disseram não ter tido nenhuma dificuldade (Figura 10).

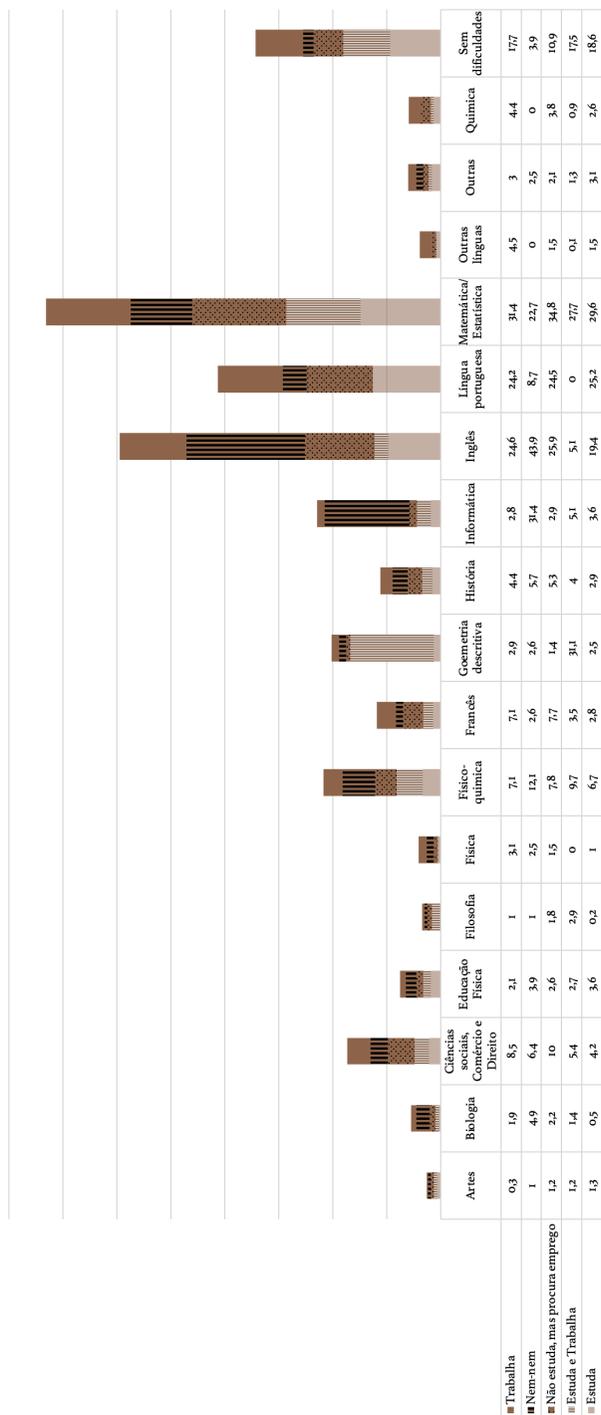


Figura 10 Dificuldade dos alunos dos cursos profissionais nas disciplinas do ensino secundário, por percurso.

Fonte - Elaboração própria com base nos dados da DGEEC, OTES – Inquéritos à Entrada e à Saída do Ensino Secundário e Inquérito aos Jovens no Pós-Secundário 2008-2019.

Em síntese:

- A Matemática, Língua Portuguesa e Inglesa correspondem às disciplinas em que mais estudantes alegaram ter dificuldades;

- Considerando o percurso Estuda e trabalha, a maior dificuldade assinalada foi em Geometria;

- Dos estudantes que à saída dos cursos profissionais relataram não ter dificuldade em nenhuma disciplina, a maioria prosseguiu estudos no pós-secundário;

- Para o percurso NENT, apesar de a Matemática ser apontada como uma disciplina em que os indivíduos têm dificuldades, o Inglês e a Informática são as disciplinas com maior representatividade neste percurso.

3. TRAJETÓRIA ESCOLAR, POR REGIÃO (NUTS II)

3.1 Percursos, por região (NUTS II)

Na análise da distribuição geográfica dos respondentes, é possível observar um padrão relativamente semelhante entre regiões (NUTS II) (Figura II).

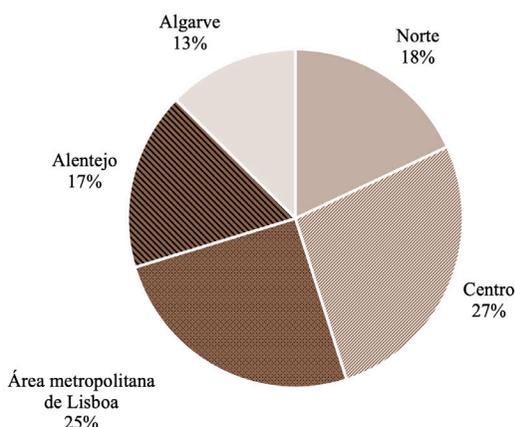


Figura II Distribuição geográfica dos respondentes por regiões (NUTS II)

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da DGEEC, OTES – Inquéritos à Entrada e à Saída do Ensino Secundário e Inquérito aos Jovens no Pós-Secundário 2008-2019.

Observa-se em todas as regiões que há mais indivíduos que optaram por seguir para o mercado de trabalho comparativamente aos demais percursos. Contudo, na Área Metropolitana de Lisboa há uma proximidade muito grande entre dois percursos, nomeadamente aqueles que prosseguiram estudos (31,3%) e os que seguiram para o mercado de trabalho (31,4%), como destacado na Tabela II.

Considerando a percentagem relativa ao total da amostra, nota-se que há mais indivíduos que prosseguiram estudos na região Centro (cerca de 9,1%). Já aqueles que estudam e trabalham concentram-se essencialmente na Área Metropolitana de Lisboa (3,1%). Por outro lado, nota-se que há uma menor percentagem de indivíduos na região do Algarve que não deram sequência nos estudos e que, de forma semelhante, não foram trabalhar (aproximadamente 0,2%). Percentagem mais elevada é observada na região Centro (cerca de 1,5%).

		Região (NUTS II)					Total
		Alentejo	Algarve	Área Metropolitana de Lisboa	Centro	Norte	
Estuda	n	770	557	1282	1505	1055	5169
	% em Percursos	14,9%	10,8%	24,8%	29,1%	20,4%	100,0%
	% em NUTS II	27,8%	27,3%	31,3%	34,4%	32,5%	31,3%
	% do Total	4,7%	3,4%	7,8%	9,1%	6,4%	31,3%
Estuda e trabalha	n	143	112	515	315	299	1384
	% em Percursos	10,3%	8,1%	37,2%	22,8%	21,6%	100,0%
	% em NUTS II	5,2%	5,5%	12,6%	7,2%	9,2%	8,4%
	% do Total	0,9%	0,7%	3,1%	1,9%	1,8%	8,4%
Não estuda, procura emprego	n	658	344	868	711	539	3120
	% em Percursos	21,1%	11,0%	27,8%	22,8%	17,3%	100,0%
	% em NUTS II	23,8%	16,8%	21,2%	16,3%	16,6%	18,9%
	% do Total	4,0%	2,1%	5,3%	4,3%	3,3%	18,9%
Outra situação	n	159	40	141	190	81	611
	% em Percursos	26,0%	6,5%	23,1%	31,1%	13,3%	100,0%
	% em NUTS II	5,7%	2,0%	3,4%	4,3%	2,5%	3,7%
	% do Total	1,0%	0,2%	0,9%	1,2%	0,5%	3,7%
Trabalha	n	1036	990	1286	1643	1272	6227
	% em Percursos	16,6%	15,9%	20,7%	26,4%	20,4%	100,0%
	% em NUTS II	37,5%	48,5%	31,4%	37,6%	39,2%	37,7%
	% do Total	6,3%	6,0%	7,8%	9,9%	7,7%	37,7%
Total	n	2766	2043	4092	4369	3246	16516
	% em Percursos	16,7%	12,4%	24,8%	26,5%	19,7%	100,0%
	% em NUTS II	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
	% do Total	16,7%	12,4%	24,8%	26,5%	19,7%	100,0%

Tabela II Percentagem nos percursos, por região (NUTS II)

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da DGEEC, OTES – Inquéritos à Entrada e à Saída do Ensino Secundário e Inquérito aos Jovens no Pós-Secundário 2008-2019.

Tendo em conta o percurso Estuda, nota-se que a região Centro tem o dobro de indivíduos que prosseguem estudos comparativamente à região do Alentejo e cerca de três vezes mais indivíduos relativamente à região do Algarve. Ao considerar o percurso Estuda e trabalha este gap é reduzido. Entretanto, em termos globais, não se verificam elevados desvios padrão no que se refere as distribuições percentuais das regiões (NUTS II). Mais detalhes são apresentados na Tabela II.

3.2 Média dos alunos dos cursos profissionais no secundário, por regiões (NUTS II)

Considerando o Inquérito Jovens no Pós-Secundário, na Figura 12 é possível observar as médias dos estudantes por regiões (NUTS II). Observa-se que há menor variabilidade de notas na região do Algarve: apesar de o limite superior de notas não ser tão elevado, o limite inferior também não alcança notas tão baixas relativamente às demais regiões.

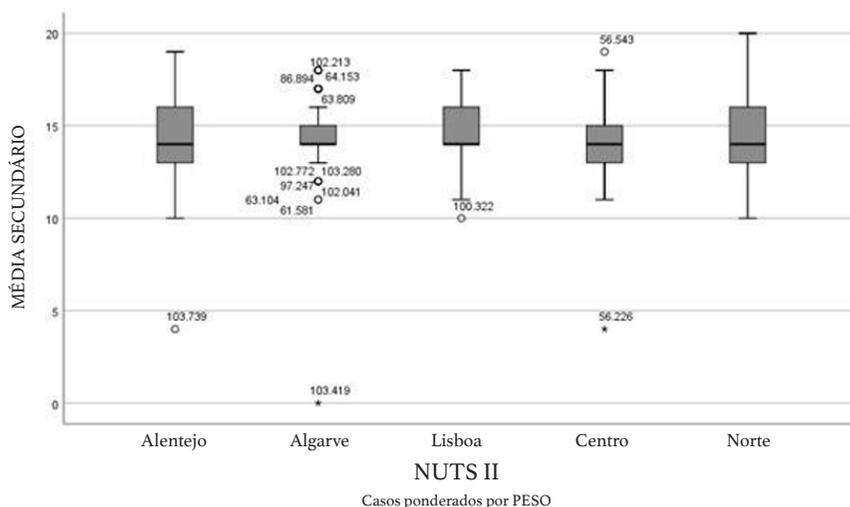


Figura 12 Média dos alunos dos cursos profissionais no ensino secundário, por regiões (NUTS II)

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da DGEEC, OTES – Inquéritos à Entrada e à Saída do Ensino Secundário e Inquérito aos Jovens no Pós-Secundário 2008-2019.

Um padrão inverso é verificado na região Norte: o limite superior do box plot atinge a média mais elevada (20 valores). Contudo, há uma assimetria positiva, isto é, uma maior frequência de notas baixas, visto que a média de notas é superior à mediana observada. Exceto para a região Centro, as demais regiões apresentam uma assimetria positiva para as médias no ensino secundário.

3.3 Preparação profissional e oportunidades de emprego, por regiões (NUTS II)

No que se refere à preparação profissional, cerca de 86% dos alunos dos cursos profissionais no pós-secundário consideram que a formação que tiveram aumentou as possibilidades de encontrar um emprego. Além disso, pouco mais de 50% dos respondentes que acreditam ter ampliado as suas oportunidades profissionais através do ensino secundário estão concentrados em duas das cinco regiões (NUTS II) consideradas: a região Centro e a Área Metropolitana de Lisboa.

	Região (NUTS II)										Total	
	Alentejo		Algarve		Área Metropolitana de Lisboa		Centro		Norte			
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
Não	247	9,66	275	15,02	619	16,39	488	12,38	469	16	2098	13,94
Sim	2311	90,34	1556	84,98	3158	83,61	3455	87,62	2470	84	12950	86,06
Total	2558	100	1831	100	3777	100	3943	100	2939	100	15048	100

Tabela 12 Opinião dos alunos dos cursos profissionais sobre a preparação profissional no ensino secundário, por região (NUTS II)

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da DGEEC, OTES – Inquéritos à Entrada e à Saída do Ensino Secundário e Inquérito aos Jovens no Pós-Secundário 2008-2019.

Considerando os respondentes por regiões de forma independente, observa-se que cerca de 90,34% dos indivíduos da região do Alentejo afirmaram que a preparação profissional que tiveram aumentou as suas possibilidades de emprego. Apesar de todas as regiões apresentarem percentagens acima de 80%, a menor percentagem (ainda que elevada) foi observada na região Norte (cerca de 84%), como pode ser visto na Tabela 12.

Em síntese:

- A região Centro tem o dobro dos indivíduos que prosseguiram estudos comparativamente à região do Alentejo e cerca de três vezes mais indivíduos relativamente à região do Algarve;
- Em termos globais, não se verificam desvios padrão significativos no que se refere aos percursos nas diferentes regiões;
- Não há grande variabilidade em termos das médias por regiões (NUTS II). Verifica-se, contudo, uma menor variabilidade de notas na região do Algarve.

4. PERCURSOS

A presente secção pretende aferir as semelhanças/diferenças entre as percepções dos estudantes acerca dos cursos, professores, estágios, expectativas escolares, competências adquiridas, entre outros. A caracterização está dividida em cinco subsecções, cada uma correspondente aos diferentes percursos escolhidos pelos estudantes, catorze meses após terem concluído o ensino secundário.

4.1 Percurso Estuda (de forma exclusiva)

Esta subsecção apresenta as principais razões que levaram os indivíduos a prosseguirem estudos, tal como os fatores relacionados com o desempenho escolar, opiniões e competências desenvolvidas ao longo dos cursos profissionais. Em termos amostrais, são considerados os 5169 participantes que optaram pelo percurso Estudar, dos quais 2945 são do género masculino (57%) e 2224 do género feminino (43%), verificando-se um padrão relativamente semelhante ao total amostral (60% homens e 40% mulheres).

4.1.1 Principais razões para o prosseguimento de estudos

Os principais motivos para prosseguir estudos são apresentados na Tabela 13. Importa salientar que, das diferentes opções apresentadas, os respondentes puderam optar apenas por uma das alternativas.

É possível verificar que 52,7% dos participantes indicou a opção *O prosseguimento de estudos dá melhores possibilidades de encontrar um emprego*, e 28,7% prosseguiram estudos para poder exercer a profissão desejada. Os restantes motivos são residuais e podem ser verificados na Tabela 13.

Por que prosseguir estudos?	Nº	%
A minha família quis que eu continuasse a estudar	92	2,0
Gosto de aprender	182	3,9
Não consegui emprego	183	3,9
Nenhum motivo em especial	29	,6
O prosseguimento de estudos dá melhores possibilidades de encontrar um emprego	2723	57,8
Outro motivo	24	,5
Para poder exercer a profissão que quero	1482	31,4
Total	4715	100,0

Tabela 13 Motivo pelo qual optou por prosseguir estudos

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da DGEEC, OTES – Inquéritos à Entrada e à Saída do Ensino Secundário e Inquérito aos Jovens no Pós-Secundário 2008-2019.

4.1.2 Desempenho escolar

Relativamente ao desempenho e sucesso escolar, é possível verificar que 77% dos indivíduos que prosseguiram estudos não tiveram classificação insuficiente ao longo dos cursos profissionais.

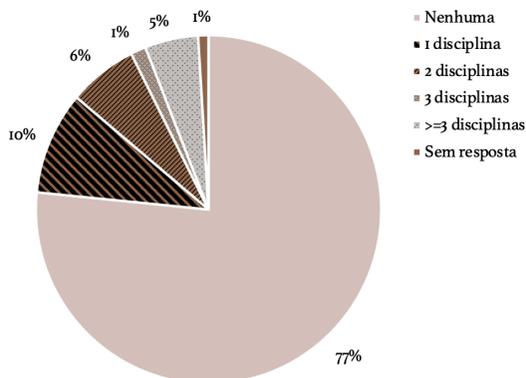


Figura 13 Número de disciplinas com classificação insuficiente dos alunos dos cursos profissionais

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da DGEEC, OTES – Inquéritos à Entrada e à Saída do Ensino Secundário e Inquérito aos Jovens no Pós-Secundário 2008-2019.

Um dos indicadores que se considera relevante para analisar o trajeto escolar dos alunos que frequentam cursos profissionais é o sucesso escolar.

Na sequência da análise do desempenho escolar, observa-se que 23% dos indivíduos reprovaram a algum módulo (Figura 14). Percentagem semelhante é observada quando comparada a frequência de negativas nas disciplinas dos cursos profissionais.

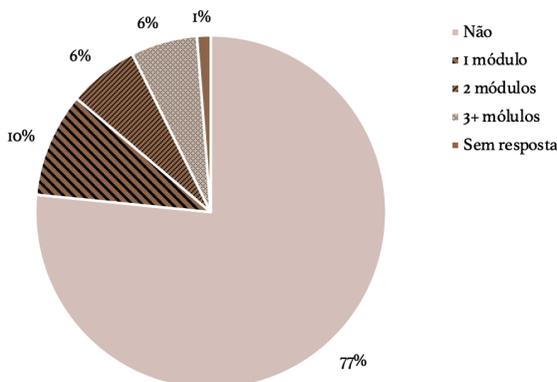


Figura 14 Módulos repetidos

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da DGEEC, OTES – Inquéritos à Entrada e à Saída do Ensino Secundário e Inquérito aos Jovens no Pós-Secundário 2008-2019.

4.1.3 Opiniões acerca do Ensino Secundário Profissional

A presente subsecção expõe o grau de satisfação dos estudantes relativamente às escolas, professores e curso frequentado. Verifica-se que mais de 70% dos respondentes indicaram estar satisfeitos ou muito satisfeitos com as escolas, professores e cursos (Tabela 14). Em contrapartida, apenas 4,8% refere insatisfação ou muita insatisfação relativamente aos cursos, 3,3% para com os professores, e cerca de 8% para com as escolas.

Cumulativamente, quando questionados sobre o grau de satisfação com o trajeto escolar, ainda durante a frequência nos respetivos cursos, a maior parte dos indivíduos alegaram estar satisfeitos (61,8%).

Grau de satisfação	Com curso		Com a escola		Com os professores	
	n	%	n	%	n	%
Sem resposta	274	5,3	274	5,3	274	5,3
Muito insatisfeito	72	1,4	178	3,4	55	1,1
Insatisfeito	177	3,4	237	4,6	113	2,2
Nem satisfeito nem insatisfeito	386	7,5	686	13,3	549	10,6
Satisfeito	2511	48,6	2353	45,5	2339	45,3
Muito satisfeito	1749	33,8	1441	27,9	1839	35,6
Total de estudantes	5169					

Tabela 14 Grau de satisfação com o curso, a escola e os professores

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da DGEEC, OTES – Inquéritos à Entrada e à Saída do Ensino Secundário e Inquérito aos Jovens no Pós-Secundário 2008-2019.

Os alunos opinaram ainda sobre o nível de desenvolvimentos de um conjunto de competências (*soft skills*), ao longo da frequência nos respetivos cursos. A Tabela 15 apresenta a lista de competências consideradas e os resultados obtidos. Destacam-se os seguintes:

- Pelo menos 50% dos indivíduos reportam ter *desenvolvido* cada uma das competências listadas;
- As competências “capacidade de trabalhar de forma autónoma”, “capacidade técnica e domínio de técnicas e tecnologias”, “capacidade de assumir responsabilidades”, e “capacidade de trabalhar em equipa” são reportadas como *muito desenvolvidas*, com cerca de 30% de respostas;
- A “capacidade de liderança” figura como a competência com maior representatividade de respostas enquadradas em *não desenvolvida*, ainda que com uma baixa percentagem (2,34%);
- Mais de 20% dos indivíduos disseram não ter desenvolvido ou desenvolvido pouco as seguintes capacidades: “capacidade de negociação/argumentação” (24,47%), “capacidade de liderança” (23,83%) e “capacidade de síntese” (20,43%).

Competências		Nada desenvolvida	Pouco desenvolvida	Desenvolvida	Muito desenvolvida
1. Capacidade de trabalhar em equipa	n	nut	348	2844	1601
	%	1,97	6,73	55,02	30,97
2. Capacidade de negociação/ argumentação	n	100	1196	2942	657
	%	1,93	23,14	56,92	12,71
3. Capacidade de planeamento, coordenação e organização	n	35	561	2986	439
	%	0,68	10,85	57,77	25,40
4. Capacidade de liderança	n	121	1143	2727	904
	%	2,34	22,11	52,76	17,49
5. Capacidade de pensamento crítico	n	75	748	2837	1235
	%	1,45	14,47	54,88	23,89
6. Capacidade de síntese	n	85	1019	3090	701
	%	1,64	19,71	59,78	13,56
7. Capacidade de comunicação oral e escrita	n	48	716	3086	1045
	%	0,93	13,85	59,70	20,22
8. Capacidade de tomar decisões	n	44	391	2992	1468
	%	0,85	7,56	57,88	28,40
9. Capacidade de assumir responsabilidades	n	37	306	2726	1826
	%	0,72	5,92	52,74	35,33
10. Capacidade técnica e domínio de técnicas e tecnologias	n	37	352	2701	1805
	%	0,72	6,81	52,25	34,92
11. Conhecimento sobre o funcionamento de organizações	n	89	788	3041	977
	%	1,72	15,24	58,83	18,90
12. Capacidade de trabalhar de forma autónoma	n	69	292	2776	1758
	%	1,33	5,65	53,70	34,01

Tabela 15 Competências desenvolvidas no curso profissional

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da DGEEC, OTES – Inquéritos à Entrada e à Saída do Ensino Secundário e Inquérito aos Jovens no Pós-Secundário 2008-2019.

4.1.4 Motivação para a escolha do curso

No que concerne ao motivo que levou os respondentes a optarem pelo curso profissional que frequentaram, treze opções foram dadas e os estudantes puderam selecionar até duas alternativas (Figura 15). Cerca de 1,7% dos indivíduos não responderam a esta questão. A maior frequência de respostas está relacionada com o mercado de trabalho, sendo que 44% reportam que a motivação para a escolha do curso está associada ao desempenho da profissão

que almejavam exercer. Adicionalmente, uma parcela significativa destacaram as boas oportunidades de emprego oriundas dos cursos profissionais (38,4%).

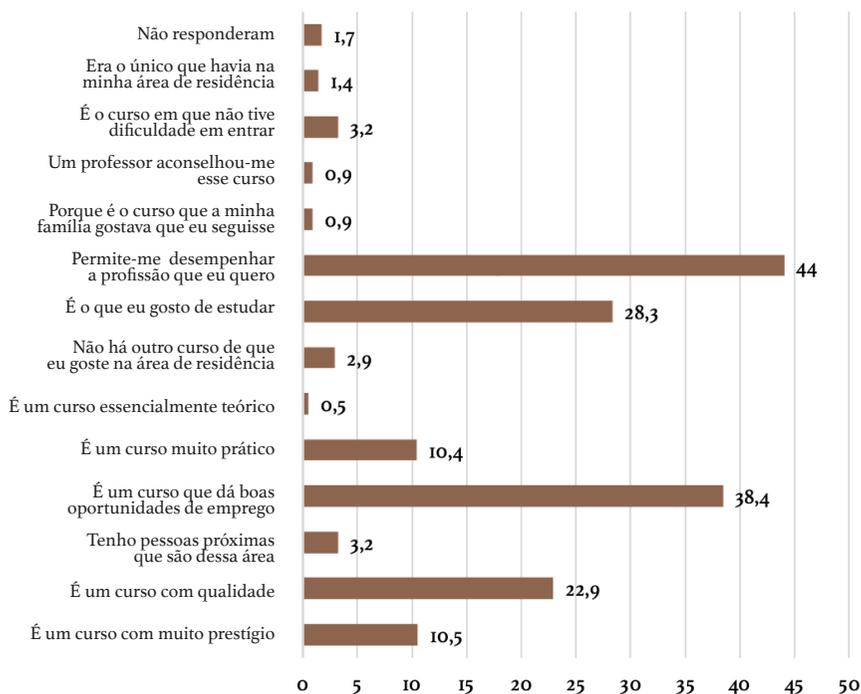


Figura 15 Motivo pela escolha do curso profissional (em % de respostas)

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da DGEEC, OTES – Inquéritos à Entrada e à Saída do Ensino Secundário e Inquérito aos Jovens no Pós-Secundário 2008-2019.

Observa-se ainda que pouco mais de 5% dos estudantes optaram pelo curso por influência de fatores externos, nomeadamente, devido ao facto de que só existia esse curso na área de residência (1,4%), não havia outro curso que o jovem gostasse na área de residência (2,9%) e era o curso que a família aconselhou que o jovem seguisse (0,9%).

4.2 Percurso Trabalha (de forma exclusiva)

Para além de expor as expectativas e o desempenho escolar desses indivíduos à saída dos cursos, a presente subsecção caracteriza ainda aspetos relacionados com o tecido empresarial, tal como o tempo que os estudantes demoraram a integrar o mercado de trabalho após concluírem os cursos, as formas através das quais obtiveram emprego, o regime de trabalho, o tipo de contratos celebrados, entre outros aspetos. Evidencia-se, ainda, as opiniões acerca da formação prática e em contexto de trabalho, as qualificações e competências desenvolvidas pelos indivíduos, níveis de satisfação com o

ensino, entre outros fatores. Foram analisados os resultados de 6227 indivíduos que frequentaram o curso profissional, sendo 37% do género feminino e 63% do masculino. Nota-se uma percentagem menor de mulheres que se inseriram no mercado de trabalho de forma exclusiva no pós-secundário, comparativamente ao percurso Estuda (de forma exclusiva), com aproximadamente 6% a menos.

4.2.1 Expectativas à entrada e à saída dos cursos profissionais

Numa abordagem retrospectiva, considerando o questionário feito aos alunos dos cursos profissionais à entrada do secundário, nota-se que cerca de 29% dos indivíduos que optaram pelo percurso Trabalhar tencionavam inicialmente prosseguir estudos (Figura 16). Esta percentagem cai para 8,9% quando questionados à saída do ensino secundário (Figura 17).

Observa-se que 2,4% dos estudantes estavam a cogitar a ideia de interromper os estudos antes de finalizar o 12.º ano. Entretanto, estes estudantes não só finalizaram o curso frequentado, como se inseriram no mercado de trabalho.

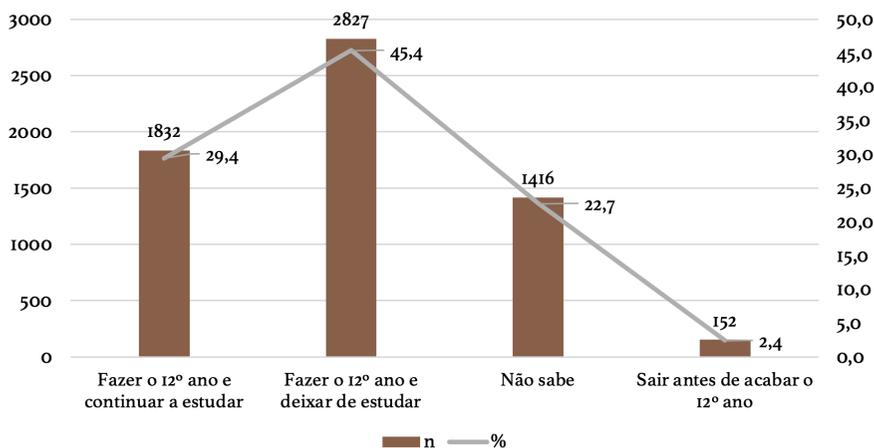


Figura 16 Expectativas futuras para o pós-secundário à entrada dos cursos profissionais

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da DGEEC, OTES – Inquéritos à Entrada e à Saída do Ensino Secundário e Inquérito aos Jovens no Pós-Secundário 2008-2019.

Na sequência da análise, foi possível observar que, ao serem questionados na saída dos cursos profissionais sobre as suas expectativas futuras, 34,4% dos estudantes tiveram uma inclinação para seguir para o mercado de trabalho de forma exclusiva no pós-secundário, de forma congruente com o que haviam planeado aproximadamente 14 meses antes. Nota-se, ainda, cinco vezes mais estudantes que tencionavam conciliar a formação profissional com o trabalho. De realçar que mais da metade dos respondentes não sabiam ou não responderam relativamente à questão sobre as expectativas futuras.

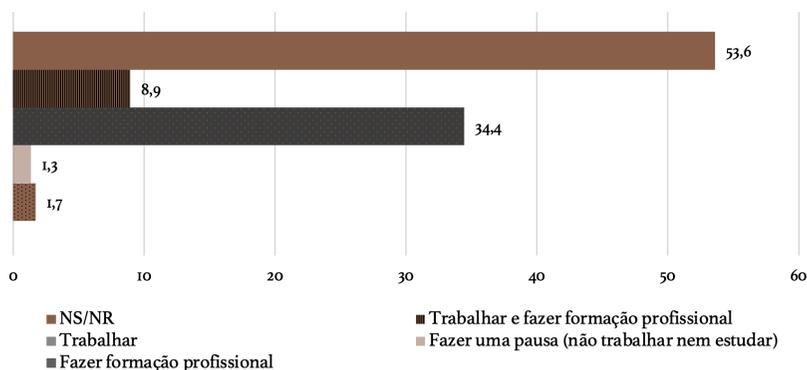


Figura 17 Expectativas futuras para o pós-secundário à saída dos cursos profissionais

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da DGEEC, OTES – Inquéritos à Entrada e à Saída do Ensino Secundário e Inquérito aos Jovens no Pós-Secundário 2008-2019.

Tratando-se especificamente dos estudantes que pretendiam prosseguir estudos à entrada do ensino secundário ($n=1823$), importa referir que 50% pretendiam ingressar no ensino superior universitário. Destaca-se ainda que 13% dos indivíduos demonstraram ter expectativas relativas ao prosseguimento de estudos. Contudo, quando questionados ainda à entrada do secundário não souberam responder relativamente qual a trajetória escolar pela qual optariam. A distribuição percentual pelas restantes opções de prosseguimento de estudos pode ser observada na Figura 18.

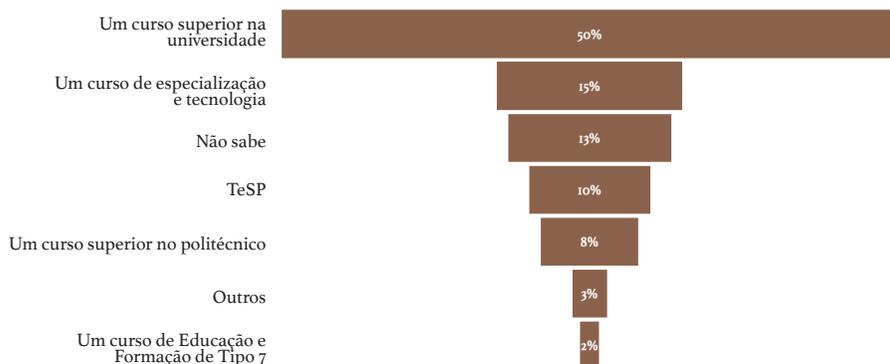


Figura 18 Expectativas escolares dos estudantes que concluíram cursos profissionais no ensino secundário

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da DGEEC, OTES – Inquéritos à Entrada e à Saída do Ensino Secundário e Inquérito aos Jovens no Pós-Secundário 2008-2019.

4.2.2 Fatores relacionados a empregabilidade

No segmento dos indivíduos que trabalham de forma exclusiva após o término do curso profissional, pouco mais de 75% afirmaram estar satisfeitos ou muito satisfeitos com a situação profissional em que se encontravam. Outros 15% configuraram os estudantes que não estavam nem satisfeitos nem insatisfeitos. Apenas 6,2% referiram estar insatisfeitos ou muito insatisfeitos.

Para além disso, 75% acreditam que a frequência de um curso profissional eleva as possibilidades no mercado de trabalho. Importa salientar que 10% não opinaram a este respeito. Quando questionados, ainda, sobre o último emprego conseguido, pouco mais da metade dos indivíduos afirmaram que obtiveram emprego imediatamente após a conclusão do curso, 10% disseram já estar empregados antes de finalizar o curso e, aproximadamente 38%, integraram o mercado de trabalho seis meses ou mais após o término do curso (Figura 19).

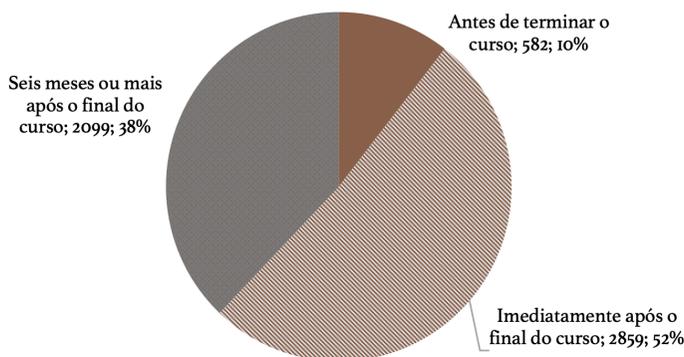


Figura 19 Último emprego conseguido

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da DGEEC, OTES – Inquéritos à Entrada e à Saída do Ensino Secundário e Inquérito aos Jovens no Pós-Secundário 2008-2019.

As modalidades de acesso ao mercado de trabalho e obtenção de emprego mais reportadas foram através de candidatura espontânea e através da ajuda de amigos e familiares. Ambos os meios de obtenção de emprego, somados, totalizam 40%. Destaca-se, ainda, que 15% dos indivíduos ficaram colocados nas empresas em que realizaram os estágios. As demais modalidades referidas têm percentagem inferiores a 10%, como mostra a Figura 20.



Figura 20 Modalidades de acesso ao mercado de trabalho para obtenção do emprego atual/último emprego

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da DGEEC, OTES – Inquéritos à Entrada e à Saída do Ensino Secundário e Inquérito aos Jovens no Pós-Secundário 2008-2019.

Relativamente à carga horária dos empregos exercidos pelos indivíduos, a maioria encontrava-se a trabalhar de forma permanente, sendo predominante empregos a tempo inteiro. Apenas 3,6% dos indivíduos estavam a trabalhar de vez em quando (*biscates*) ou em certos períodos do ano (trabalho sazonal). A percentagem residual refere-se a *outra situação* (Tabela 16).

Regime de trabalho	n	%
Trabalho/trabalhava a tempo inteiro	4619	74,2
Trabalho/trabalhava a tempo parcial	669	10,7
Trabalho/trabalhava só em certos períodos do ano (trabalho sazonal)	160	2,6
Trabalho/trabalhava de vez em quando (<i>biscates</i>)	62	1,0
Outra situação	30	0,5
Total de estudantes	5540	

Tabela 16 Carga horária dos trabalhos realizados

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da DGEEC, OTES – Inquéritos à Entrada e à Saída do Ensino Secundário e Inquérito aos Jovens no Pós-Secundário 2008-2019.

Relativamente ao vínculo laboral (Figura 21), no momento de inquirição, fica claro que a maioria dos indivíduos trabalhava por conta de outrem (80,3%). Aproximadamente 4% trabalhava por conta própria, sendo que cerca de metade desses indivíduos constituem-se como empregadores (com empregados). Uma pequena parcela estava a trabalhar em negócios da família.

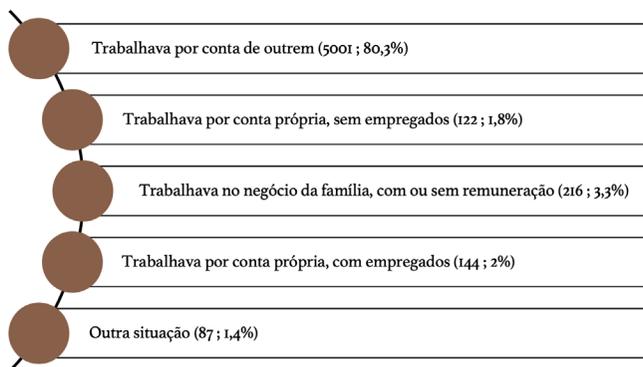


Figura 21 Situação no trabalho

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da DGEEC, OTES – Inquéritos à Entrada e à Saída do Ensino Secundário e Inquérito aos Jovens no Pós-Secundário 2008-2019.

No que concerne ao tipo de contrato de trabalho, os contratos mais realizados são o contrato individual de trabalho com termo (a prazo) e o contrato de trabalho sem termo. Os contratos de prestação de serviços (recibos verdes ou semelhante) ou situações de trabalho pontuais e ocasionais representam menos de 10% dos contratos celebrados.

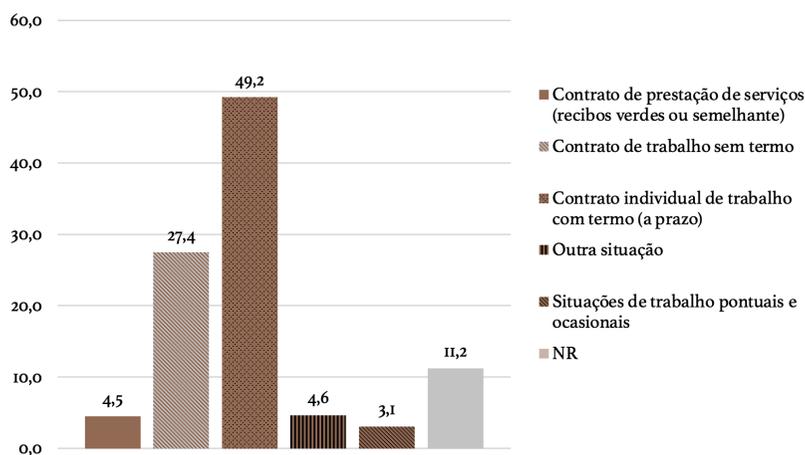


Figura 22 Tipos de contratos de trabalho

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da DGEEC, OTES – Inquéritos à Entrada e à Saída do Ensino Secundário e Inquérito aos Jovens no Pós-Secundário 2008-2019.

Os motivos que levaram os indivíduos a optar pelo percurso Trabalhar, podem ser verificados na Figura 23. Destacam-se como as razões mais assinaladas: ter o próprio dinheiro (9,8%); e surgiu uma oportunidade e decidiu trabalhar (9,1%). Já a influencia dos pares figura como a razão menos representativa. No entanto, importa referir que a amplitude dos resultados é baixa.

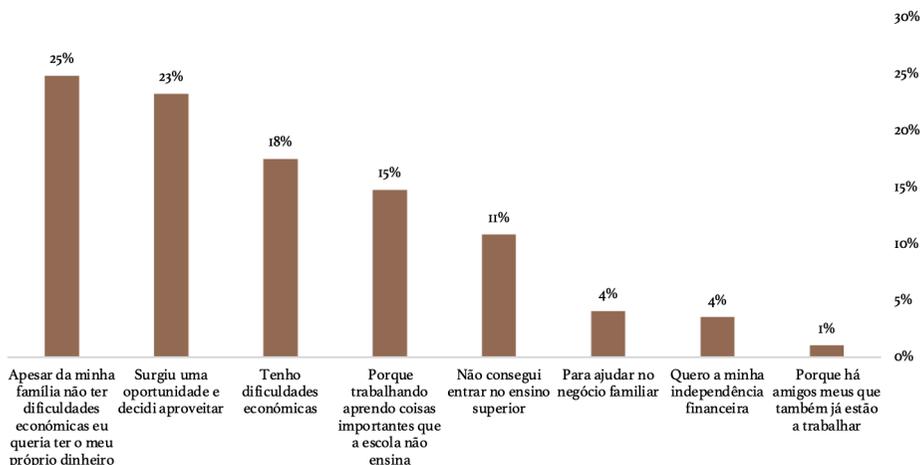


Figura 23 Principais razões para trabalhar

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da DGEEC, OTES – Inquéritos à Entrada e à Saída do Ensino Secundário e Inquérito aos Jovens no Pós-Secundário 2008-2019.

4.2.3 Opiniões sobre os estágios e os cursos profissionais

Verificamos que cerca de 45% dos indivíduos fizeram estágio em empresas, 21% em entidades públicas, 5,1% em instituições de solidariedade social, sendo os demais estudantes distribuídos em outras organizações. Considerando as opiniões destes indivíduos acerca dos estágios frequentados, observa-se que mais de 50% concordam ou concordam totalmente com o impacto positivo do estágio na sua formação, nomeadamente por: melhoraram a capacidade de se relacionar com os outros em contexto de trabalho (61%); desenvolverem a capacidade de expressar opiniões de forma clara e direta (59,9%); e aprenderem a trabalhar em equipa (56,9%). Por outro lado, relativamente aos aspetos menos positivos, destaca-se o desenvolvimento de competências para identificar e resolver problemas em contexto de trabalho.

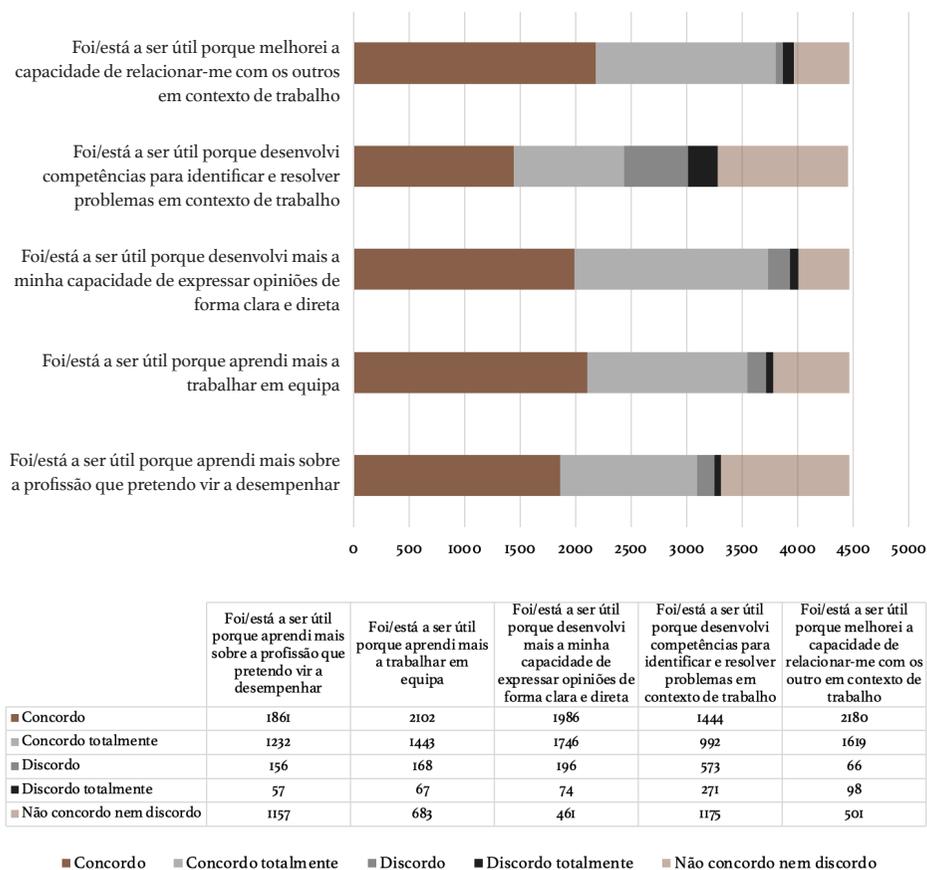


Figura 24 Opinião dos alunos dos cursos profissionais sobre os estágios

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da DGEEC, OTES – Inquéritos à Entrada e à Saída do Ensino Secundário e Inquérito aos Jovens no Pós-Secundário 2008-2019.

Algumas competências escolares são determinantes para o sucesso dos alunos. De entre as competências relatadas como mais desenvolvidas, destacam-se a capacidade de trabalhar em equipa e a capacidade de trabalhar de forma autónoma (Tabela 17).

Do lado oposto, as competências pouco ou nada desenvolvidas, ultrapassando os 10% foram: a capacidade de liderança (16,6%); a capacidade de negociação/argumentação (14,5%); a capacidade de síntese (14,3%); a capacidade de pensamento crítico (10,8%); e o conhecimento sobre o funcionamento das organizações (10,6%). De referir que cerca de 11,6% dos inquiridos não respondeu a esta questão.

Competências		Nada desenvolvida	Pouco desenvolvida	Desenvolvida	Muito desenvolvida
1. Capacidade de trabalhar em equipa	n	11	268	2778	2441
	%	0,2	4,3	44,6	39,2
2. Capacidade de negociação/ argumentação	n	67	837	3608	991
	%	1,1	13,4	57,9	15,9
3. Capacidade de planeamento, coordenação e organização	n	22	358	3349	1774
	%	0,4	5,7	53,8	28,5
4. Capacidade de liderança	n	24	1007	3292	1173
	%	0,4	16,2	52,9	18,8
5. Capacidade de pensamento crítico	n	13	661	3491	1331
	%	0,2	10,6	56,1	21,4
6. Capacidade de síntese	n	21	871	3676	928
	%	0,3	14,0	59,0	14,9
7. Capacidade de comunicação oral e escrita	n	19	452	3656	1369
	%	0,3	7,3	58,7	22,0
8. Capacidade de tomar decisões	n	5	428	3263	1800
	%	0,1	6,9	52,4	28,9
9. Capacidade de assumir responsabilidades	n	13	184	2653	2646
	%	0,2	3,0	42,6	42,5
10. Capacidade técnica e domínio de técnicas e tecnologias	n	28	465	3186	1817
	%	0,4	7,5	51,2	29,2
11. Conhecimento sobre o funcionamento de organizações	n	44	619	3430	1403
	%	0,7	9,9	55,1	22,5
12. Capacidade de trabalhar de forma autónoma	n	5	226	3113	2152
	%	0,1	3,6	50,0	34,6

Tabela 17 Competências desenvolvidas pelos alunos dos cursos profissionais

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da DGEEC, OTES – Inquéritos à Entrada e à Saída do Ensino Secundário e Inquérito aos Jovens no Pós-Secundário 2008-2019.

Por fim, a análise do grau de satisfação dos alunos dos cursos profissionais face ao curso, escola e professores revela que a maioria se encontrava satisfeita (Tabela 18). As percentagens correspondentes a insatisfação ou muita insatisfação com o curso, escola e professores correspondem apenas a 5,33%, 6,1% e 2,1% respetivamente. Refira-se que cerca de 11,5% dos indivíduos não responderam a esta questão.

Grau de satisfação		Muito insatisfeito	Insatisfeito	Nem satisfeito nem insatisfeito	Satisfeito	Muito satisfeito
		n	73	259	601	2606
Com curso	%	1,17	4,16	9,65	41,85	31,62
Com a escola	n	126	255	771	2655	1701
	%	2,02	4,10	12,38	42,64	27,32
Com os professores	n	52	80	475	2312	2589
	%	0,84	1,28	7,63	37,13	41,58

Tabela 18 Grau de satisfação dos alunos dos cursos profissionais com o curso, escola e professores

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da DGEEC, OTES – Inquéritos à Entrada e à Saída do Ensino Secundário e Inquérito aos Jovens no Pós-Secundário 2008-2019.

4.3 Percurso dos indivíduos que não prosseguiram estudos nem foram trabalhar

Na presente subsecção pretende-se compreender o universo dos indivíduos que não estudam, mas que procuram emprego e indivíduos NENT, englobando um total de 3731 indivíduos. Destes, 3120 (83,62%) estavam à procura de emprego.

4.3.1 Expectativas escolares

Tratando-se das expectativas escolares relatadas pelos indivíduos no Inquérito à Saída do Secundário, a maior parte, 41,8%, pretendia fazer o 12.º ano e deixar de estudar. Percentagem menor, cerca de 2,5%, disseram tencionar sair do curso frequentado antes de acabar o 12.º ano.

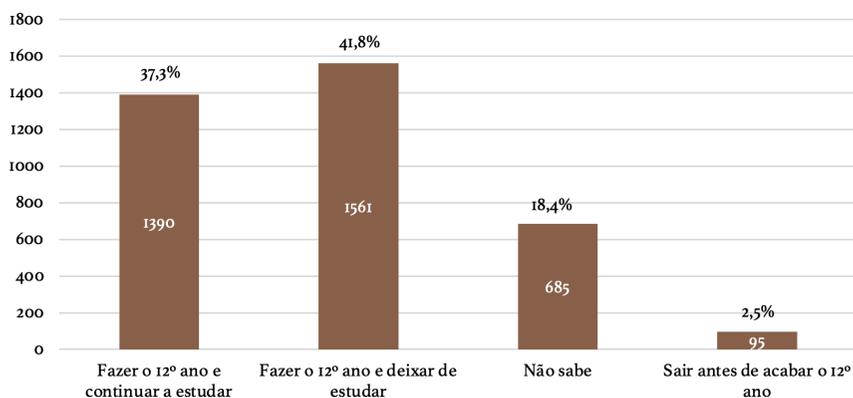


Figura 25 Expectativas dos alunos dos cursos profissionais para o percurso pós-secundário

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da DGEEC, OTES – Inquéritos à Entrada e à Saída do Ensino Secundário e Inquérito aos Jovens no Pós-Secundário 2008-2019.

Já no que se refere aos alunos que reportaram anseio por prosseguir estudos, cerca de 60% relatou interesse em ingressar em um curso de ensino superior, referindo os restantes outros tipos de formação (Figura 26).

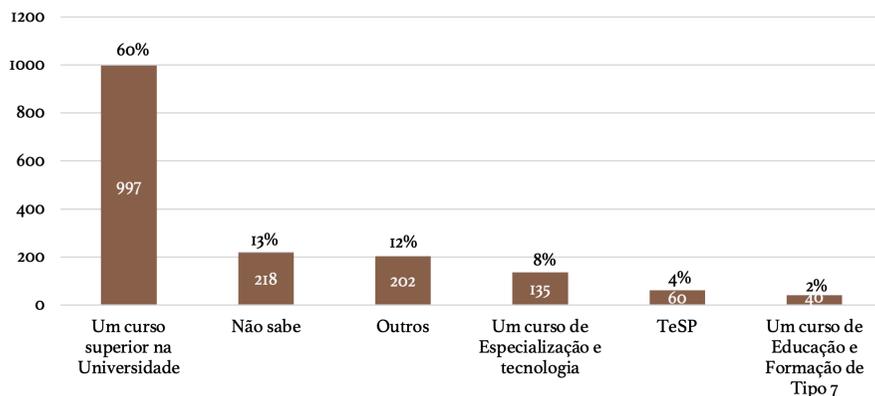


Figura 26 Expectativas escolares à saída dos cursos profissionais

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da DGEEC, OTES – Inquéritos à Entrada e à Saída do Ensino Secundário e Inquérito aos Jovens no Pós-Secundário 2008-2019.

4.3.2 Desempenho escolar

Relativamente aos módulos repetidos pelos estudantes dos cursos profissionais, cerca de 48% dos indivíduos que não prosseguiram estudos nem foram para o mercado de trabalho não responderam a esta questão. No entanto, dos 1940 respondentes, aproximadamente 61% nunca reprovaram a nenhum módulo. Mais detalhes podem ser observados na Figura 27.

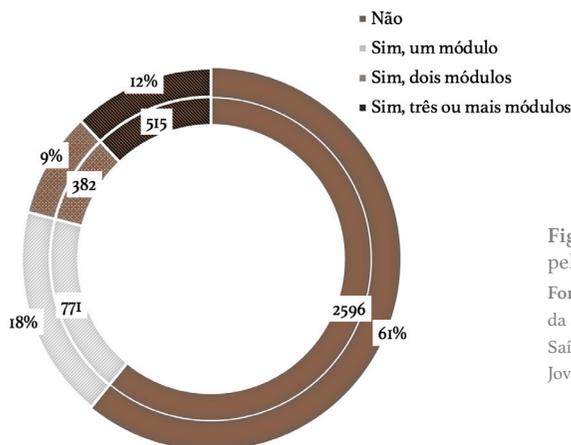


Figura 27 Número de módulos repetidos pelos alunos dos cursos profissionais

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da DGEEC, OTES – Inquéritos à Entrada e à Saída do Ensino Secundário e Inquérito aos Jovens no Pós-Secundário 2008-2019.

4.3.3 Opiniões sobre os cursos profissionais no do ensino secundário

De modo a conhecer o nível de satisfação dos alunos relativamente ao curso, escola e professores, uma escala entre muito insatisfeito e muito satisfeito foi aplicada aos indivíduos (Tabela 19). No que concerne ao curso e à escola nota-se uma percentagem maior de indivíduos que alegaram estarem *satisfeitos*. Por outro lado, no que se refere aos professores a maioria declara estar *muito satisfeito*. Do lado oposto, para os indivíduos que se consideram *muito insatisfeitos*, 3,5% dizem respeito ao curso, 3,1% à escola e 1,8% aos professores.

Grau de satisfação		Muito insatisfeito	Insatisfeito	Nem satisfeito nem insatisfeito	Satisfeito	Muito satisfeito
Com curso	n	139	189	818	1764	1112
	%	3,5	4,7	20,3	43,9	27,6
Com a escola	n	124	192	636	1941	1129
	%	3,1	4,8	15,8	48,3	28,1
Com os professores	n	74	127	341	1670	1810
	%	1,8	3,2	8,5	41,5	45,0

Tabela 19 Grau de satisfação dos alunos dos cursos profissionais com o curso, a escola e os professores

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da DGEEC, OTES – Inquéritos à Entrada e à Saída do Ensino Secundário e Inquérito aos Jovens no Pós-Secundário 2008-2019.

Considerando a opinião dos alunos na entrada dos cursos profissionais (Tabela 20), e tendo em conta que cada aluno pôde optar por até duas alternativas, observa-se que quase 40% dos indivíduos acreditam que o curso profissional no ensino secundário tem como principal objetivo preparar os alunos para a vida profissional. Em contrapartida, metade destes, ou seja, aproximadamente 21%, alegam como foco dos cursos a preparação dos alunos para o ensino superior.

Principais objetivos	n	%
Preparar os alunos para a vida profissional	2011	39,6
Desenvolver o espírito crítico e a criatividade dos alunos	504	9,9
Preparar os alunos para o ensino superior	1098	21,6
Adquirir um conhecimento mais aprofundado sobre diferentes matérias	520	10,2
Preparar os alunos para participar em sociedade	543	10,7
Contribuir para a diminuição das desigualdades existentes na sociedade	323	6,4
Escolher só os melhores alunos para o ensino superior	44	0,9
Outro objetivo	5	0,1
Não sei	32	0,6

Tabela 20 Opinião dos alunos sobre os principais objetivos dos cursos profissionais no ensino secundário

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da DGEEC, OTES – Inquéritos à Entrada e à Saída do Ensino Secundário e Inquérito aos Jovens no Pós-Secundário 2008-2019.

Considerando a opinião dos alunos relativamente às escolas, nota-se que, dos indivíduos que declararam insatisfação, dois aspetos sobressaem, ambos relacionados com espaços e infraestruturas das escolas, nomeadamente: espaços para a prática de educação física; e infraestruturas da escola adequadas a pessoas com deficiências motoras. Por outro lado, a maioria concorda que a biblioteca ou o centro de recursos são adequados às necessidades estudantis (Figura 28).

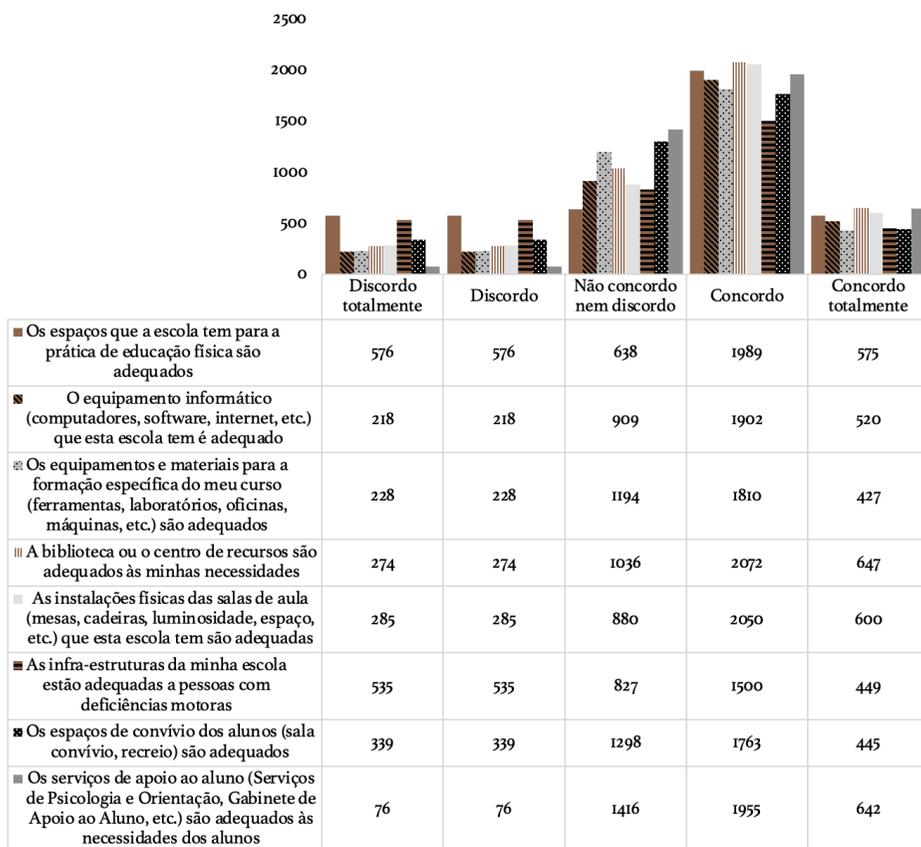


Figura 28 Opinião dos alunos dos cursos profissionais sobre a escola

Fonte Elaboração própria com base nos dados da DGEEC, OTES – Inquéritos à Entrada e à Saída do Ensino Secundário e Inquérito aos Jovens no Pós-Secundário 2008-2019.

O questionário também inquiriu os alunos dos cursos profissionais sobre as relações estabelecidas pelos indivíduos (Figura 29). Pela análise das frequências das questões abordadas, nota-se, de forma global, que os alunos têm boas relações, seja com os colegas, professores, direção ou funcionários. Há ainda uma percentagem significativa de indivíduos que alegaram sentir-se seguros nas escolas, não havendo, portanto, problemas de segurança, violência, drogas, entre outras.

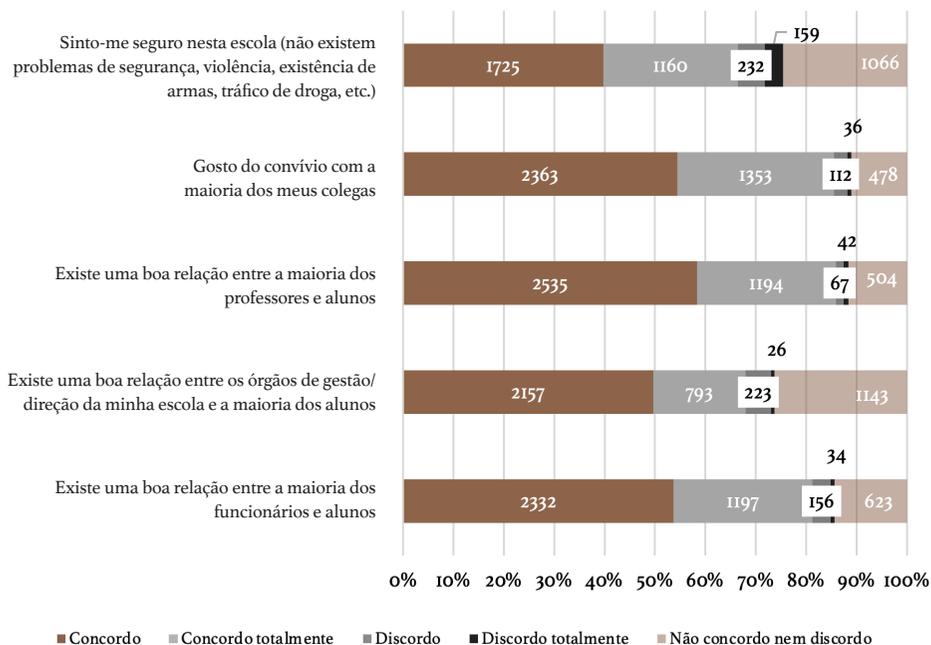


Figura 29 Opinião dos alunos dos cursos profissionais sobre as relações

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da DGEEC, OTES – Inquéritos à Entrada e à Saída do Ensino Secundário e Inquérito aos Jovens no Pós-Secundário 2008-2019.

De forma complementar, analisou-se também as opiniões acerca do curso e do ensino (Figuras 30 e 31, respetivamente).

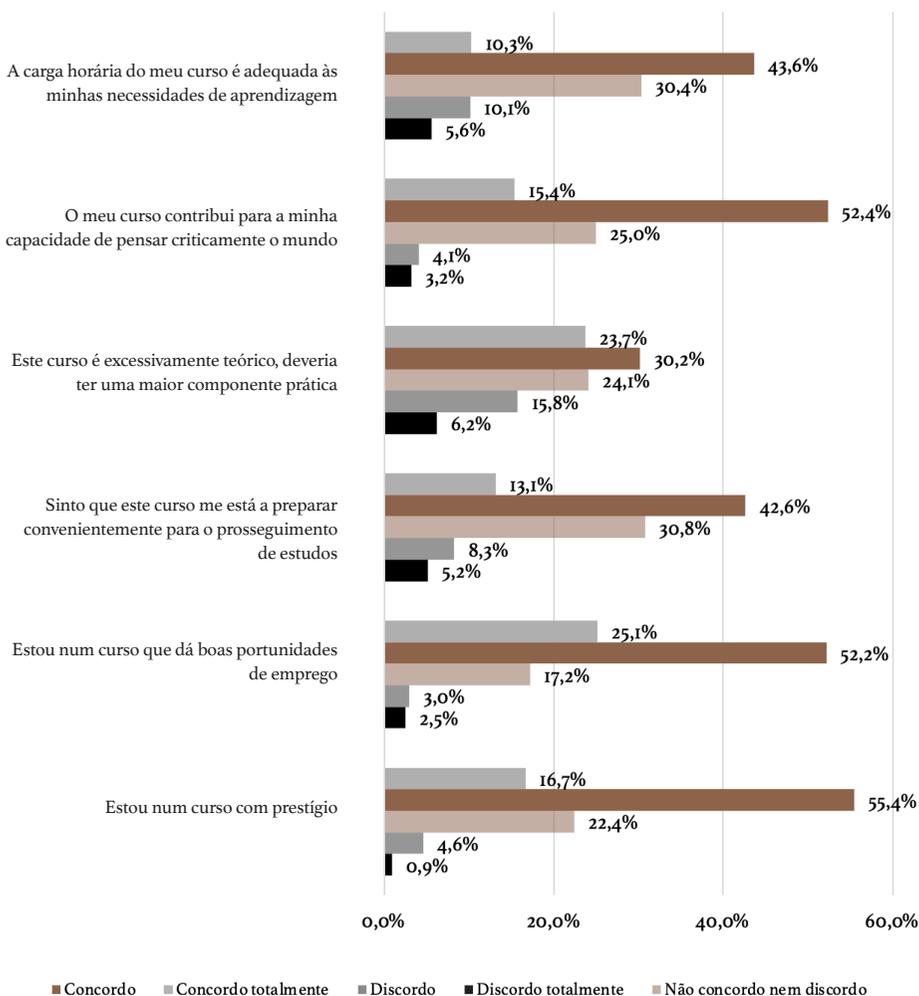


Figura 30 Opinião dos alunos dos cursos profissionais sobre o curso

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da DGEEC, OTES – Inquéritos à Entrada e à Saída do Ensino Secundário e Inquérito aos Jovens no Pós-Secundário 2008-2019.

Relativamente ao curso, destaca-se o facto de o mesmo gerar boas oportunidades de emprego. A afirmação em que houve maior discordância refere-se ao facto de o curso ser excessivamente teórico, devendo ter uma maior componente prática.

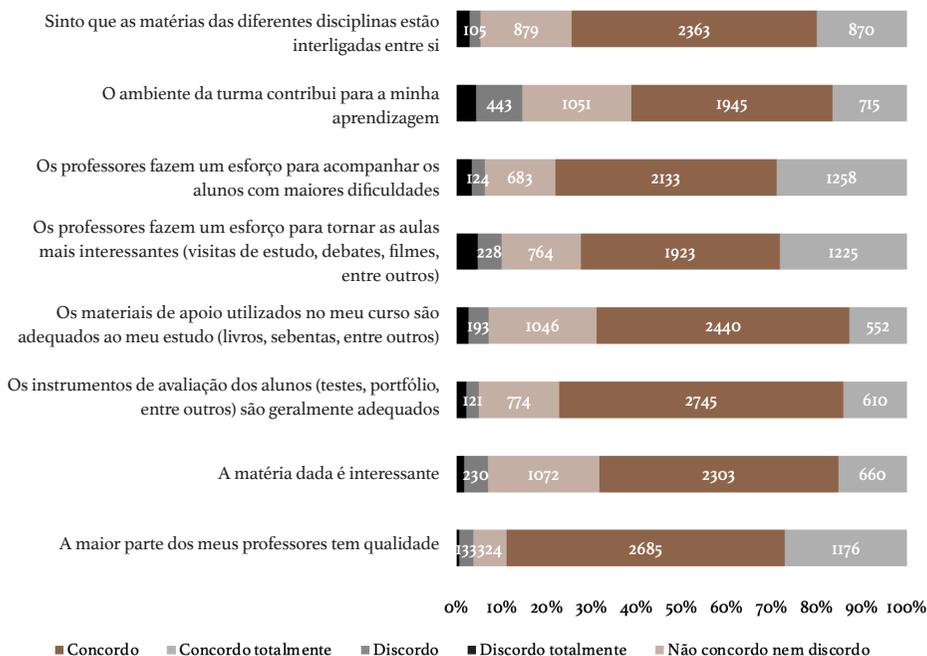


Figura 31 Opinião dos alunos dos cursos profissionais sobre o ensino

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da DGEEC, OTES – Inquéritos à Entrada e à Saída do Ensino Secundário e Inquérito aos Jovens no Pós-Secundário 2008-2019.

No que se refere ao ensino, há concordância entre 42% dos respondentes de que os professores têm qualidade, e 28% concordam totalmente com a afirmação de que os professores fazem um esforço para acompanhar os alunos com maiores dificuldades. Do lado oposto, 10% dos indivíduos discordam do facto de o ambiente da turma ter contribuído para a aprendizagem e 4% discordam totalmente que os professores fazem um esforço para tornar as aulas mais interessantes, seja por meio de visitas de estudo, debates, filmes entre outras formas de construção do conhecimento.

4.4 Análise comparativa

A presente subsecção tem como propósito comparar os resultados encontrados nas secções 4.1, 4.2 e 4.3. Apesar de a análise descritiva supracitada ser específica por percurso, verificam-se algumas similaridades, sendo estas aqui consideradas.

Relativamente ao desempenho escolar, nota-se que há mais indivíduos que não tiveram nenhum módulo repetido no percurso *Estuda* (77%). Já para o percurso *Trabalha* observou-se uma

queda percentual de 8,7%, sendo a redução ainda maior para o percurso *Não estuda nem procura emprego* (cerca de 16%). Isto é indicativo, portanto, que os indivíduos que prosseguiram estudos tiveram maior sucesso em termos de rendimento escolar ao longo dos cursos profissionais frequentados relativamente aos demais.

Pela ótica oposta, isto é, considerando o maior número de reprovações - três ou mais - foi possível observar um *gap* crescente entre o percurso *Estuda, Trabalha e Não estuda nem procura emprego*, respetivamente 5%, 8% e 12%. Isto reforça a maior dificuldade em concluir os módulos com êxito por parte dos estudantes que não prosseguiram estudos nem foram trabalhar.

Apesar de tal dificuldade, não se observaram diferenças significativas entre os percursos no que concerne à quantidade de indivíduos que tencionavam sair do curso frequentado antes de acabar o 12º ano. Entretanto, quanto ao desejo de prosseguir estudos, há um *gap* de 10% entre os percursos *Trabalha e NENT*. A percentagem de alunos provenientes de cursos profissionais que pretendiam ingressar no ensino superior é de 60% e 50% respetivamente.

Este facto pode estar relacionado com o grau satisfação relativamente aos cursos profissionais. A percentagem de estudantes satisfeitos ou muito satisfeitos é superior no percurso *Estuda* (82,4%), seguido do percurso *Trabalha* (73,47%) e, por último, do percurso *Não estuda nem procura emprego* (71,5%). Apesar de haver menos indivíduos satisfeitos no percurso *NENT*, o mesmo não é observado quando se trata da satisfação para com as escolas e professores. Isto porque aqueles que não prosseguiram estudos e não estão à procura de emprego têm um grau de satisfação maior acerca das escolas e dos professores relativamente aos que foram exclusivamente para o mercado de trabalho no pós-secundário.

Por fim, faz-se uma análise comparativa (Tabela 21) no que diz respeito ao conjunto de *soft skills*.

Competências	Análise comparativa
1. Capacidade de trabalhar em equipa	Há o dobro de estudantes que relataram ter essa competência pouco ou nada desenvolvida no percurso <i>Estuda</i> comparativamente aos que foram para o mercado de trabalho de forma exclusiva no pós-secundário.
2. Capacidade de negociação/argumentação	Tratando-se dos indivíduos não desenvolveram a competência em questão, verifica-se que há 10% a mais no percurso <i>Estuda</i> comparativamente ao percurso <i>Trabalha</i> .
3. Capacidade de planeamento, coordenação e organização	Há 6% de indivíduos que disseram não terem desenvolvido esta capacidade no percurso <i>Trabalha</i> , ao passo que para o percurso <i>Estuda</i> a percentagem observada de indivíduos que não a desenvolveram é superior (11,53%).
4. Capacidade de liderança	Não há diferenças significativa entre os percursos. A percentagem de indivíduos que relataram ter esta competência desenvolvida é de aproximadamente 70%.

Competências	Análise comparativa
5. Capacidade de pensamento crítico	Não há diferenças significativa entre os percursos. A percentagem de indivíduos que relataram ter esta competência desenvolvida é de aproximadamente 77%.
6. Capacidade de síntese	Não há diferenças significativa entre os percursos.
7. Capacidade de comunicação oral e escrita	Não há diferenças significativa entre os percursos. A percentagem de indivíduos que relataram ter esta competência desenvolvida é de aproximadamente 73%.
8. Capacidade de tomar decisões	Não há diferenças significativa entre os percursos. A percentagem de indivíduos que relataram ter esta competência desenvolvida varia entre os 81% e os 86%.
9. Capacidade de assumir responsabilidades	Não há diferenças significativa entre os percursos. A percentagem de indivíduos que relataram ter esta competência desenvolvida varia entre os 85% e os 88%.
10. Capacidade técnica e domínio de técnicas e tecnologias	Há uma percentagem maior de indivíduos que prosseguiram estudos e desenvolveram esta competência.
11. Conhecimento sobre o funcionamento de organizações	Não há diferenças significativa entre os percursos. A percentagem de indivíduos que relataram ter esta competência desenvolvida é de aproximadamente 77%.
12. Capacidade de trabalhar de forma autónoma	Não há diferenças significativas entre os percursos. A percentagem de indivíduos que relataram ter esta competência desenvolvida varia entre os 84% e os 87%. Entretanto, do lado oposto, isto é, ao analisar o grupo que relatou não ter desenvolvido a capacidade de trabalhar de forma autónoma, observa-se o dobro de indivíduos no percurso <i>Estuda</i> , apesar de a percentagem ser baixa.

Tabela 21 Análise comparativa do conjunto de competências desenvolvidas pelos alunos dos cursos profissionais

Fonte: Elaboração própria

De modo global, o desenvolvimento das competências sofre pequenas variações entre os percursos. Exceptuam-se a capacidade de trabalhar em equipa, a capacidade de negociação/ argumentação e a capacidade de planeamento, coordenação e organização, que são mais proeminentes no percurso Trabalho. Por outro lado a capacidade técnica e o domínio de técnicas e tecnologias prevaleceu no percurso Estuda.

5. ANÁLISE DOS PERCURSOS DOS ALUNOS DOS CURSOS PROFISSIONAIS NO PÓS-SECUNDÁRIO

O presente capítulo está separado em duas subsecções. Primeiramente é feita a análise dos *clusters* referentes aos agrupamentos regionais, seguida dos resultados do modelo de regressão logit multinomial.

As variáveis explicativas selecionadas para a estimação dos modelos são apresentadas na Tabela 22. Tais variáveis estão agrupadas em grandes esferas: caracterização social; ensino básico; trajetória e expectativas escolares; e nível socioeconómico dos alunos. Esta última esfera foi considerada por meio de variáveis proxies tal como a escolaridade do pai e da mãe, uma vez que o nível educacional dos pais exerce influência sobre o rendimento do trabalho e o denominado *family background* (Pereira, 2001). Cumulativamente, segundo Minty (2021) as decisões de prosseguir estudos a nível superior podem ser limitadas pela família e pelas finanças. O autor afirma ainda que embora a situação económica seja apenas um dos fatores que influenciam as decisões de prosseguir estudos, este fator continua a reproduzir desigualdades no que se refere às transições do ensino secundário para o ensino superior.

Variáveis	Descrição	Suporte técnico
Cluster Territorial	Representa a densidade populacional dos municípios ao qual os indivíduos pertencem	Cluster 1 assume uma menor densidade populacional, o cluster 2 maior densidade populacional e o cluster 3 uma densidade populacional média. Municípios com baixa densidade populacional tendem a ter o acesso à educação mais dispendiosos e insuficiência do mercado de trabalho local (Álvaro, 2013).
Escolaridade da mãe/ tutora	Grau de escolaridade da mãe/ tutora.	O grau de escolaridade dos pais e o rendimento do agregado
Escolaridade do pai/ tutor	Grau de escolaridade do pai/ tutor.	O grau de escolaridade dos pais e o rendimento do agregado familiar determinam diretamente as aspirações que estes terão para os seus filhos a nível educativo (Martins & Teixeira, 2021; Cunha, 2012).
Média em Matemática	Nota final que o aluno obteve na disciplina de Matemática no curso profissional do ensino secundário.	A falta de uma base sólida em Matemática pode comprometer a transição para o ensino superior (Amaral, 2021).
Masculino	Dummy que representa o género masculino e feminino.	Não pode ser predeterminada.

Variáveis	Descrição		Suporte técnico
Intenção	Dummy que representa a intenção de prosseguir estudos aquando a frequência do ensino secundário profissional.	Assume valor 1 para alunos que tencionavam prosseguir estudos e o caso contrário.	Expectativas académicas influenciam o nível de interesse, compromisso e dedicação. Reforçam ainda os objetivos pré estabelecidos por parte dos alunos (Vasconcelos, Almeida, & Monteiro, 2009).
Média no secundário	Média global no curso profissional do ensino secundário.		As trajetórias futuras dos alunos parecem depender fortemente do seu desempenho académico (Cunha, 2012).
Público	Dummy que representa a natureza do estabelecimento de ensino.	Assume valor 1 para escolas públicas e 0 para escolas privadas.	Não pode ser predeterminada.
Satisfação	Dummy que representa o grau de satisfação em relação ao curso frequentado.	Assume valor 1 se está satisfeito ou muito satisfeito e 0 caso contrário.	Algumas dificuldades encontradas pelos alunos podem ser ultrapassadas dado o grau de motivação e satisfação percebida, favorecendo a adaptação académica (Soares, et al. 2021)

Tabela 22 Variáveis explicativas selecionadas na estimação do modelo logit multinomial

Fonte: Elaboração própria

5.1 Agrupamentos regionais e densidade populacional

Recorreu-se à análise de clusters hierárquicos para gerar os agrupamentos regionais. Para a clusterização foi considerada a densidade populacional por município. A análise ANOVA foi significativa ($p < 0.01$). A clusterização traduziu-se no agrupamento dos municípios portugueses em três grandes grupos⁴, os quais foram posteriormente inseridos nas regressões. É possível observar que os indivíduos do percurso NENT residem maioritariamente em municípios com densidade populacional abaixo da média amostral (Figura 32).

[4] Municípios pertencentes a cada cluster:

Cluster 1 - Abrantes, Aguiar da Beira, Albufeira, Alcácer do sal, Alcanena, Alcobça, Alcochete, entre outros municípios localizados nomeadamente no interior de Portugal.

Cluster 2- Amadora, Lisboa, Odiveelas, Porto

Cluster 3- Almada, Barreiro, Caiscais, Entroncamento, Espinho, Maia, Matosinhos, Oeiras, São João da Madeira, Seixal, etc.

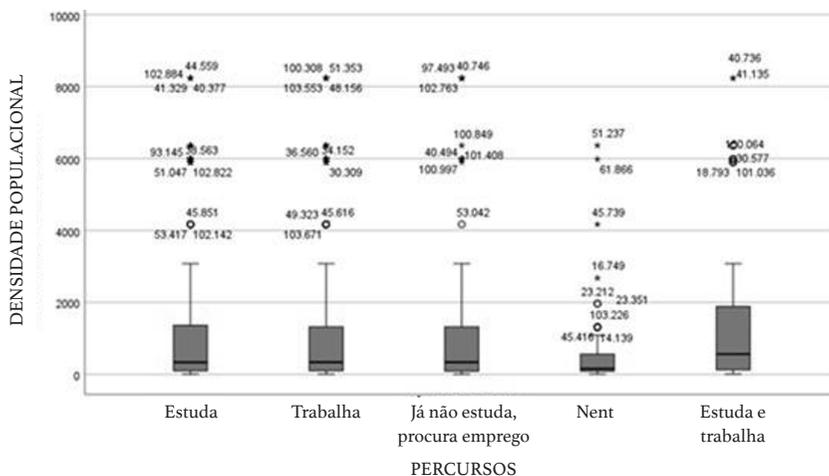


Figura 32 Densidade populacional e percursos pós-secundários dos alunos dos cursos profissionais

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da DGEEC, OTES – Inquéritos à Entrada e à Saída do Ensino Secundário e Inquérito aos Jovens no Pós-Secundário 2008-2019.

Considerando o agrupamento hierárquico dos clusters territoriais, este baseia-se no tamanho e na distância dos dados para cada município, realizando os agrupamentos por semelhanças, neste caso específicas, tendo em conta a densidade populacional. Nesse sentido, os municípios foram distribuídos da seguinte forma entre os clusters: 68% dos municípios estão enquadrados no cluster 1 (menor densidade populacional), 10% no cluster 2 (maior densidade populacional), e 9,7% no cluster 3 (densidade populacional média), sendo a percentagem restante residual. Estes resultados estão de acordo com estudo de Álvaro (2013), que refere que mais da metade do território português pode ser considerado como rural de baixa densidade populacional.

Reitera-se aqui a observação anterior de que os indivíduos do percurso NENT estão concentrados em municípios com menor densidade populacional, sendo possível verificar a correspondência predominante a zonas localizadas no interior de Portugal.

5.2 Fatores associados aos percursos após a conclusão do ensino secundário profissional

Os resultados, em termos gerais, foram significativos e representam o efeito causal de cada variável sobre a escolha dos percursos pós-secundário, comparativamente ao percurso NENT.

Considerando o desempenho/sucesso escolar dos alunos ao longo dos cursos profissionais e o impacto nos percursos pós-secundários, observa-se que os indivíduos que possuem médias mais elevadas a Matemática têm também uma melhor hipótese de optar pelo percurso *Estudar* (de forma exclusiva), superior em 12,7% face aos NENT, sendo esta variável significativa ($p < 0.01$). No

caso dos indivíduos do percurso *Estudar e Trabalhar*, foi possível observar que o efeito causal das notas de Matemática no percurso pós-secundário reduziu em magnitude, apesar de se manterem positivamente relacionadas. Isto é, a cada valor acrescido na média final de Matemática, aumenta as hipóteses de um indivíduo estudar e trabalhar após o curso em 8,3%.

Em conformidade com os resultados encontrados no presente estudo, observou-se que no caso específico dos indivíduos que não prosseguiram estudos no pós-secundário (independentemente de estarem ou não no mercado de trabalho), as notas a Matemática não se mostraram estatisticamente significativas, reforçando o facto de que esta disciplina desempenha um papel vital na transição para o ensino superior.

Podemos corroborar a importância da literacia matemática para o prosseguimento de estudos para o ensino superior, conforme referido por Amaral *et al.* (2021). Segundo a autora, a falta de uma base sólida a Matemática pode comprometer a transição para o ensino superior, uma vez que a admissão em muitos dos cursos superiores, depende fortemente de um nível de conhecimento mínimo a Matemática (avaliado através de conteúdos curriculares, exame nacional ou exame local).

Facto curioso refere-se às médias finais nos cursos profissionais do ensino secundário. Por meio da análise do *Teste de Wald*, foi possível observar que o acréscimo de um valor na nota não tem efeito sobre os percursos pós-secundários, diferentemente do que se observou no caso específico das notas em Matemática e também com o resultado esperado, exposto na Tabela 22. Observa-se uma exceção para o percurso *Não estuda, procura emprego*. Foi possível perceber que os indivíduos que têm médias mais elevadas nos cursos profissionais têm 22,2% menos chances estarem no percurso *Não estuda, procura emprego* comparativamente ao percurso NENT ($p < 0.1$). Isto porque os dados não traduzem o real motivo desses indivíduos (Percurso Nent) não estarem a trabalhar e a estudar. Os períodos de inatividade nas suas trajetórias podem estar relacionados não com a falta de motivação para o trabalho e o estudo, mas associados a uma rotina de estudos em casa, por exemplo, que vise o acesso ao ensino superior.

Em termos de expectativas escolares, observou-se que a intenção por parte dos indivíduos de prosseguir estudos, ainda enquanto alunos dos cursos profissionais no ensino secundário, está positivamente relacionada com as realizações futuras: os indivíduos que já tencionavam prosseguir estudos tiveram hipótese de ingressar no ensino superior, multiplicada por 25,27, comparativamente ao grupo NENT.

Ao considerar os indivíduos do percurso *Estudar e Trabalhar*, observou-se que ter a intenção de prosseguir estudos *ex-ante* aumenta a possibilidade de os jovens concretizarem tal objetivo (essas hipóteses são multiplicadas por 19,10). O mesmo não foi verificado para os indivíduos que seguiram o percurso *Trabalhar (de forma exclusiva)*, ou seja, as expectativas académicas não estão estatisticamente relacionadas com o percurso profissional.

Considerando os indivíduos que não prosseguiram estudos, mas que estão à procura de emprego, nota-se que, apesar de esta variável ser significativa ($p < 0.05$), a probabilidade de o aluno seguir o percurso *Não estuda, procura emprego*, comparativamente ao grupo de indivíduos pertencentes ao percurso NENT aumentou de forma menos expressiva.

Os resultados confirmam a ideia de que a transição para o ensino superior requer dos alunos um envolvimento anterior ao seu acesso. O processo que antecede o prosseguimento de estudos abrange, entre outros aspetos, expectativas e motivações, sendo estas necessárias para que os alunos encarem as dificuldades pertinentes à chegada ao ensino superior (Soares et al., 2021; Almeida, Soares, & Ferreira, 2002; Almeida, 2007; Almeida & Cruz, 2010).

De forma semelhante Vasconcelos, Almeida, & Monteiro (2009) afirmam que as expectativas académicas influenciam não só o nível de interesse, mas ainda de compromisso e dedicação, reforçando também os objetivos futuros dos alunos.

De forma complementar, ao analisar o grau de satisfação dos alunos relativamente aos cursos em que estão matriculados, nota-se que, *ceteris paribus*, os indivíduos que se declararam satisfeitos têm maior probabilidade de seguir um percurso (académico ou profissional), quando comparados ao percurso NENT. Observa-se, ainda, que esse efeito é mais proeminente para o percurso *Estudar* (de forma exclusiva ou não): estar satisfeito com o curso profissional frequentado aumenta as hipóteses em 7,538 de o aluno prosseguir estudos de forma exclusiva e em 8,846 de prosseguir estudos e trabalhar em simultâneo. Como mostra a Tabela 23, tais valores foram significativos ($p < 0.01$).

Destaca-se que algumas dificuldades encontradas pelos alunos podem ser ultrapassadas dado o seu grau de motivação percebida (Soares et al., 2021). Nesse sentido, conhecer as intenções iniciais dos alunos e o seu grau de satisfação ao longo do seu percurso académico é relevante para a integração dos discentes, quer nas instituições de ensino, quer no mercado de trabalho. Adicionalmente, compreender as expectativas iniciais trazidas pelos indivíduos facilita também a promoção de ações futuras, contribuindo, dessa forma, para um percurso com maior êxito (Soares et al., 2021).

Tratando-se do nível de escolaridade do agregado familiar, os dados indicam uma tendência para que os alunos que prosseguem estudos e/ou vão para o mercado de trabalho, sejam oriundos de núcleos familiares em que as mães/tutoras têm, tendencialmente, habilitações literárias mais elevadas. O efeito é mais acentuado para as famílias de indivíduos que seguiram o percurso *Estudar* de forma exclusiva. As chances do aluno prosseguir estudos, comparativamente ao grupo NENT aumenta em 4,481 quando a mãe/tutora tem um grau de escolaridade ao nível do ensino superior. Já para os indivíduos do percurso *Estudar e Trabalhar*, as hipóteses são elevadas em 1,31.

Por sua vez, o mesmo não é observado com a escolaridade dos pais/tutores, resultado este que vai em sentido contrário ao esperado. Uma possível explicação pode estar relacionada com o facto de as estatísticas descritivas analisadas anteriormente indicarem uma maior percentagem de discentes que prosseguiram estudos e têm tutoras com maior nível de escolaridade. Além disso, observou-se, ainda, que a cada grau de escolaridade mais elevado das mães/tutoras, mais expressiva se torna a diferença no percurso académico. Tratando-se do caso específico de pais/tutores, a diferença educacional é mais perceptível no grau de escolarização de mestrado e doutoramento, sendo estes menos representativos em termos amostrais. Uma vez que a escolarização utilizada no presente estudo é uma *dummy* para ensino superior, e tendo em conta os resultados verificados por meio da caracterização amostral, o efeito da escolaridade das mães/tutoras, é, de facto, mais expressivo comparativamente ao pai/tutor.

Ainda assim, estudos indicam que a escolaridade da mãe/tutora afeta mais o desempenho escolar dos filhos, quando comparado à escolaridade do pai/tutor (Martins & Teixeira, 2021; Macedo, 2004). De forma complementar Biblarz *et al.* (1997) mostraram que indivíduos que moram somente com o pai apresentam resultados escolares mais baixos, comparados a indivíduos que moram somente com as mães. Entretanto, não se coloca em causa que o *background* familiar, como um todo, está relacionado com os resultados escolares dos alunos (Barros *et al.*, 2001).

	Percursos	Coefficientes	Erro Padrão	Exp(B)
	Intercepto	4,54*	1,068	
Estuda	Média em matemática	0,12*	0,044	1,127
	Média no secundário	-0,11	0,074	0,895
	Público	0,65	0,203	1,915
	Cluster territorial 1	-1,70*	0,476	0,182
	Cluster territorial 2	1,47*	0,526	4,349
	Masculino	0,15	0,243	1,161
	Satisfação	2,02*	0,218	7,538
	Intenção	3,23*	0,235	25,27
	Escolaridade do pai	-1,64*	0,283	0,193
	Escolaridade da mãe	1,50*	0,398	4,481

	Percursos	Coefficientes	Erro Padrão	Exp(B)
Trabalha	Intercepto	1,51**	1,064	
	Média em matemática	0,04	0,043	1,040
	Média no secundário	-0,02	0,073	0,98
	Público	0,33	0,196	1,39
	Cluster territorial 1	-1,17**	0,47	0,31
	Cluster territorial 2	1,30**	0,523	3,669
	Masculino	0,19	0,24	1,209
	Satisfação	1,36*	0,207	3,896
	Intenção	0,35	0,23	1,419
	Escolaridade do pai	-1,43*	0,277	0,239
Escolaridade da mãe	0,24**	0,408	1,271	
Não estuda, procura emprego	Intercepto	4,50*	1,086	
	Média em matemática	0,08	0,044	1,083
	Média no secundário	-0,25***	0,075	0,778
	Público	0,8	0,204	2,225
	Cluster territorial 1	-0,88***	0,481	0,414
	Cluster territorial 2	1,39*	0,528	4,014
	Masculino	0,14	0,245	1,15
	Satisfação	1,01*	0,214	2,745
	Intenção	0,58**	0,234	1,786
	Escolaridade do pai	-1,62*	0,295	0,197
Escolaridade da mãe	0,73***	0,409	2,075	
Trabalha e estuda	Intercepto	2,82**	1,164	
	Média em matemática	0,08*	0,05	1,083
	Média no secundário	-0,09	0,082	0,913
	Público	0,26	0,225	1,296
	Cluster territorial 1	-1,19**	0,513	0,304
	Cluster territorial 2	2,01*	0,537	7,463
	Masculino	1,04	0,275	2,829
	Satisfação	2,18*	0,262	8,846
	Intenção	2,95*	0,263	19,106
	Escolaridade do pai	-0,96*	0,309	0,383
Escolaridade da mãe	0,27**	0,435	1,31	

Tabela 23 Modelo de regressão logit multinomial

Fonte: Elaboração própria *1% de significância, ** 5% de significância, *** 10% de significância

Considerando os clusters territoriais, destaca-se que indivíduos residentes de municípios com maior densidade populacional têm as suas oportunidades profissionais multiplicadas por 3,66. Tratando-se especificamente do prosseguimento dos estudos, essas oportunidades multiplicam-se por 4,34. Reitera-se que o presente estudo identificou que os municípios com maior densidade populacional se encontram localizados em zonas litorais. Por outro lado, municípios com densidade populacional mais baixa estão maioritariamente no interior de Portugal. De acordo com Álvaro (2013), a oposição litoral/interior é produto da modernização social e económica, que ocorreu a partir dos anos 60. O litoral tornou-se mais urbanizado e privilegiado para a instalação de indústrias. Álvaro (2013) alega que o processo intensivo de modernização levou uma concentração excessiva de população em municípios litorais. O processo foi intensificado pelas migrações, motivadas nomeadamente pela ausência de atividades económicas que permitissem emprego aos residentes do interior. Este êxodo contribuiu para um maior empobrecimento das regiões de origem, pela saída sobretudo dos mais habilitados e da população ativa mais jovem. Nesse sentido, o interior de Portugal, além de ser mais rural e subdesenvolvido, caracteriza-se ainda por ter ofertas de emprego mais fracas e acesso à educação mais dispendiosa (Álvaro, 2013).

Em suma, os resultados corroboram que indivíduos residentes de municípios menos populosos tendem a ter menos oportunidades em termos de inserção profissional, dado o limitado tecido industrial, agravado por baixas densidades populacionais que levam à existência de um setor terciário de pequena escala (Álvaro, 2013).

Considerando a causalidade circular que ocorre nos municípios de baixa densidade (Figura 33), fica claro que os fenómenos discutidos não agem de forma isolada. Pelo contrário, interagem e reforçam a propagação dos diferentes efeitos, sendo eles: (1) Perda de competitividade, uma vez que o desenvolvimento económico depende de um limitado número de produtos e de um mercado de reduzidas dimensões; (2) níveis baixos de qualificação dos recursos humanos, acesso à educação mais dispendioso e elevadas taxas de abandono escolar; (3) debilidade das infraestruturas de apoio às atividades económicas e insuficiência do mercado local.

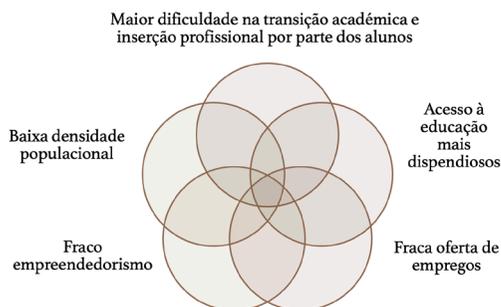


Figura 33 Causalidade circular em municípios de baixa densidade
Fonte Adaptado de Álvaro (2013).

Por fim, ao analisar o Teste de Wald, verificou-se que a natureza do estabelecimento de ensino (público ou privado), bem como o género, não tiveram coeficientes estatisticamente significativos, ou seja, não interferem na escolha do percurso pós-secundário por parte dos discentes.

6. CONCLUSÃO

Ao longo deste trabalho, procurou-se compreender os trajetos escolares e profissionais de indivíduos que frequentaram cursos profissionais no ensino secundário em Portugal. Para o efeito foram utilizados inquéritos inseridos no âmbito do OTES, coordenado pela DGEEC, entre os anos 2010 e 2019.

Apresentou-se, numa primeira instância, a dimensão amostral. A estatística do estudo é censitária e os questionários seguem o método *follow-up*, ou seja, faz-se um acompanhamento dos trajetos escolares e profissionais de 16516 indivíduos, desde a sua entrada nos cursos profissionais até aos seus percursos pós-secundários (14 meses após conclusão). No total amostral analisado, foram considerados os percursos Estudar (n= 5169), Trabalhar (n= 6227), Estudar e trabalhar (n=1384), Não estudam, mas procuram emprego (n=3120) e NENT (n=611).

6.1 Desempenho escolar

No que concerne ao desempenho escolar, indivíduos que optaram pelo percurso *Estudar* tiveram classificações finais de curso ligeiramente superiores, quando comparados com os restantes percursos. Cumulativamente, mais de 75% dos indivíduos do percurso *Estudar* não tiveram nenhuma negativa no decorrer do curso. Em síntese, o prosseguimento de estudos no pós-secundário está relacionado com desempenho académico dos discentes ao longo dos cursos profissionais frequentados. Nesse contexto, destaca-se ainda o papel fundamental da Matemática, tida como uma competência-chave na transição académica. Importa referir que os indivíduos que apresentaram maiores médias a Matemática tiveram as suas oportunidades de prosseguir estudos de forma exclusiva aumentadas em 12,7%, relativamente aos que não foram estudar nem trabalhar no pós-secundário.

6.2 Escolaridade e condições socioeconómicas predominantes no seio familiar

Para além do desempenho escolar, a escolaridade predominante no seio familiar e a origem socioeconómica revelaram-se marcantes na construção dos percursos futuros. Os dados indicaram uma tendência para que os alunos que prosseguiram estudos, e/ou foram para o mercado de trabalho, sejam oriundos de agregados familiares em que as tutoras têm, tendencialmente, habilitações literárias mais elevadas, sendo este efeito mais acentuado para os indivíduos que seguiram o percurso *Estudar (de forma exclusiva)*.

Na sequência da análise relacionada ao agregado familiar, constatou-se que alunos que declararam ter dificuldades financeiras tiveram as suas oportunidades de prosseguir estudos reduzidas em 46,8%. Nesse sentido, fica clara a forma como as condições socioeconómicas das famílias podem criar contextos (des)favoráveis em termos de transição académica. Isto porque os pais não só têm aspirações escolares para seus filhos, como ainda proporcionam capital social, cultural e económico necessário para potenciar as oportunidades futuras desses indivíduos. Face a isso, a transição entre ciclos de ensino parece convocar capitais específicos que podem criar seletividade e, no limite, exclusão social.

6.3 Condições macroeconómicas

A nível macroeconómico, observou-se que municípios com baixa densidade populacional e menor desenvolvimento económico também estão relacionados negativamente com a probabilidade de os indivíduos residentes prosseguirem estudos. Tal conclusão foi aferida com base na análise dos clusters de agrupamentos regionais hierárquicos. Para a clusterização, o estudo considerou a densidade populacional por município, sendo a análise da ANOVA significativa a 1%. Esta traduziu-se no agrupamento de três clusters territoriais.

Identificou-se, *a priori*, que os municípios com maior densidade populacional se encontram distribuídos maioritariamente em zonas litorais. Por outro lado, municípios com densidade populacional mais baixa estão mais concentrados no interior. Tal pode ser explicado à luz de um processo histórico. O litoral tornou-se mais urbanizado e privilegiado para a instalação de indústrias, além de ter sofrido um processo de modernização comparativamente às zonas do interior. Estes fatores corroboram os resultados encontrados de que os indivíduos residentes de municípios menos populosos tendem a ter menos oportunidades para a sua inserção profissional, dado o limitado tecido industrial da região, agravado por baixas densidades populacionais que levam à existência de um sector terciário de pequena escala.

Em termos da magnitude do efeito, verificou-se que os indivíduos residentes de municípios com maior densidade populacional, têm suas oportunidades profissionais multiplicadas por 3,66, comparativamente aos que não prosseguiram estudos nem se inseriram no mercado de trabalho. Tratando-se especificamente dos indivíduos que seguiram um percurso académico, observou-se que um valor multiplicador ainda mais elevado (4,34).

6.4 Expectativas e satisfação estudantil

Acerca das expectativas a nível estudantil, verificou-se que a intenção por parte dos indivíduos de prosseguir estudos aquando da frequência de cursos profissionais no

ensino secundário, estavam positivamente relacionadas com as realizações futuras. Isso porque o processo que antecede o prosseguimento de estudos abrange, entre outros aspetos, expectativas e motivações, sendo estas necessárias para que os alunos encarem a transição para o ensino superior.

De forma complementar, ao analisar o grau de satisfação dos alunos relativamente aos cursos onde estavam matriculados, foi possível verificar que os indivíduos que se declararam satisfeitos tiveram as suas oportunidades de seguir um percurso académico ou profissional (no pós-secundário) ampliadas, relativamente aos indivíduos que não o fizeram.

Sendo assim, as expectativas criadas, o grau de satisfação com o atual percurso e desempenho escolar são fatores fortemente relacionados com a trajetória futura do aluno. Dessa forma, concluiu-se que a capacidade de fazer escolhas que contribuem para o sucesso no futuro (ingresso efetivo num percurso profissional ou académico), não depende somente dos recursos socioeconómicos e do *background* familiar, mas também da probabilidade dessas escolhas seguirem de facto as intenções e os objetivos que os alunos pretendem alcançar.

6.5 Implicações do estudo

Os resultados destacados anteriormente colocam em evidência algumas implicações do estudo. No que se refere ao papel das expectativas, destaca-se a importância de haver um acompanhamento dos alunos em termos de orientação vocacional como ponto de partida para promover um alinhamento entre as expectativas e os percursos. A orientação vocacional deve, portanto, ser uma prática da educação escolar, devendo os alunos ser considerados individualmente. Isto é ainda mais importante tendo em conta as diferenças significativas observadas no que se refere ao ambiente familiar, social e económico a que estes indivíduos estão expostos.

Apesar de não se esperar que a escola consiga compensar todas as diferenças que estes indivíduos trazem à partida, a orientação vocacional pode oferecer possibilidades de reflexão e ação (Coimbra, 1995). Ampliam-se com esta prática as aprendizagens por parte dos alunos e alarga-se o leque de alternativas mediante a consciencialização no que se refere à inserção educacional e profissional. Nesse sentido, a integração da orientação vocacional no projeto educativo deve ser considerada por professores e escolas de modo a responder aos desafios inerentes às escolhas pós ensino secundário profissional.

Entretanto, não se deve negligenciar a situação socioeconómica desfavorecida em que muitos indivíduos se encontram. Isto porque o estudo verificou a influência destas condições nos percursos pós-secundários. Em casos onde haja recursos familiares escassos, o desenrolar das trajetórias de vida desses alunos podem estar comprometidos. Há, portanto, a necessidade,

também, de apoio social e económico para que estes indivíduos consigam enfrentar todas as adversidades inerentes ao seio familiar.

Entretanto, a atenção do Governo Português para com o sucesso dos alunos dos cursos profissionais no ensino secundário não se deve limitar à criação de medidas de política educativa. A criação de oportunidades a nível macroeconómico como, por exemplo, o desenvolvimento de infraestruturas de apoio às atividades económicas e as ofertas de emprego no mercado de trabalho local também devem dinamizar as oportunidades de emprego em todo o território português. O trabalho conjunto do Governo, em particular o Ministério da Educação, com as escolas, os professores e as comunidades locais pode contribuir significativamente para promover uma sociedade mais justa, equilibrada e inclusiva.

Considerando, por fim, o desempenho escolar e o acesso ao ensino superior, destaca-se a importância de se ter um olhar cuidado a disciplinas nucleares, como a Matemática. A falta de uma base sólida em termos de literacia matemática pode comprometer a transição para o ensino superior, uma vez que a admissão em muitos dos cursos superiores depende fortemente deste conhecimento (Amaral *et al.*, 2021). Nesse sentido, os cursos profissionais no ensino secundário devem enfatizar as competências necessárias para a aprendizagem da Matemática, reduzindo não somente os déficits de aprendizagens, como ainda ampliando o acesso ao ensino superior de indivíduos interessados em prosseguir estudos.

Face ao exposto, importa referir que a investigação direcionada ao processo de transição dos alunos dos cursos profissionais para percursos pós-secundários é fulcral para compreender não só os desafios inerentes aos diferentes percursos, mas, sobretudo, os tipos de apoios que podem ser dados aos alunos para tornar esse processo mais bem-sucedido. Importa realçar que apesar de algumas variáveis terem um efeito causal negativo sobre determinados percursos, os cursos profissionais devem ser encarados como integradores, e não redutores e promotores de desigualdades sociais. Isso porque a formação profissional é um fator de suma importância na qualificação dos indivíduos e representa um grande contributo, não só a nível pessoal, mas também para o desenvolvimento local.

6.6 Limitações e sugestões para investigação futura

No que se refere às limitações do estudo importa salientar a situação específica do percurso NENT. Os dados limitam-se a analisar o percurso dos alunos dos cursos profissionais 14 meses após o suposto término do ensino secundário. No entanto, o período de inatividade em que tais indivíduos se encontravam pode estar associado, por exemplo, a uma rotina de estudos em casa que vise o acesso ao ensino superior, ou ainda a períodos curtos de inatividade, e não necessariamente à falta de motivação. Não se consegue analisar em detalhe os períodos

de atividade antes ou a seguir aos 14 meses analisados. Por exemplo, tais indivíduos podem já ter estudado e trabalhado, ou podem ter interrompido temporariamente estas atividades no décimo quarto mês após a sua formação. Nesse sentido, o estudo reconhece a importância da inclusão desta perspectiva em investigações futuras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aguiar, F. H. R., & Conceição, M. I. G. (2009). Expectativas de futuro e escolha vocacional em estudantes na transição para o ensino médio. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 10(2), 105-115.
- Almeida, L. S. (2007). Transição, adaptação académica e êxito escolar no ensino superior. *Revista Galego-Portuguesa de Psicoloxía e Educación*, 15(2), 203-215.
- Almeida, L. S.; Cruz, J. F. A. (2010). Transição e adaptação académica: reflexões em torno dos alunos do 1º ano da Universidade do Minho. In: Silva, J. L. et. al. (Eds.), “Ensino superior em mudança: tensões e possibilidades: actas do Congresso Ibérico, Braga, Portugal, 2010” (pp. 429-440). Braga: CIED. ISBN 978-972-8746-80-3.
- Almeida, L. S.; Soares, A. P.; Ferreira, J. A. G. (2002). Questionário de Vivências Acadêmicas (QVA-r): Avaliação do ajustamento dos estudantes universitários. *Avaliação Psicológica*, 1(2), 81-93.
- Álvaro, J. B. P. (2013). *Educação em Territórios de Baixa Densidade-Ensino Profissional e Desenvolvimento-o caso da Beira Interior Norte* (Doctoral dissertation, Universidade de Coimbra).
- Amaral, C.; Souto, I, Benedicto, B., Barbosa, B.; S. Filipe; F. Costa; A. Melo; G. Paiva Dias; C. Rodrigues (2021). Mathematics in vocational education and training: a strength or a weakness?
- Andres, L., Adamuti-Trache, M., Yoon, E. S., Pidgeon, M., & Thomsen, J. P. (2007). Educational expectations, parental social class, gender, and postsecondary attainment: A 10-year perspective. *Youth & society*, 39(2), 135-163.
- Barros, R. P. D., Mendonça, R. S. P. D., Santos, D. D. D., & Quintaes, G. (2001). Determinantes do desempenho educacional no Brasil.
- Biblarz, T. J., & Gottainer, G. (2000). *Family structure and children's success: A comparison of widowed and divorced single mother families*. *Journal of Marriage and Family*, 62(2), 533-548.
- Coimbra, J. L. (1995). Os professores e a orientação vocacional. *Noesis*, 35(6), 67-75.
- Cunha, S. (2012). Expectativas académicas e desempenho escolar.
- Dias, A. C. G., Carlotto, R. C., de Oliveira, C. T., & Teixeira, M. A. P. (2019). Dificuldades percebidas na transição para a universidade. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 20(1), 19-30.
- Fresneda, B. (2009). Transição da escola para o trabalho e estratificação social. *Revista Segurança Urbana e Juventude*.
- Gómez, V. M. (2009). La transición del nivel medio (secundaria superior) al trabajo y la formación postsecundaria en Colombia. *SEMINARIO INTERNACIONAL SOBRE EDUCACIÓN Y TRABAJO*, 1-20.
- Hasenbalg, C. (2003). A transição da escola ao mercado de trabalho. *Origens e destinos: desigualdades sociais ao longo da vida*. Rio de Janeiro: Topbooks, 147-172.
- Marteleto, L. J. (2002). O papel do tamanho da família na escolaridade dos jovens. *Revista Brasileira de Estudos de População*, 19(2), 159-177.
- Martins, J. C., & Teixeira, E. C. (2021). As estruturas familiares afetam o desempenho escolar no Brasil?. *Revista Econômica do Nordeste*, 52(1), 65-76.

Minty, S. (2021). Ability to learn, or ability to pay? How family and finance influence young people's higher education decisions in Scotland. In *Educational research for social justice* (pp. 117-135). Springer, Cham.

Nogueira, D. R., da Costa, J. M., Takamatsu, R. T., & dos Reis, L. G. (2013). Fatores que impactam o desempenho acadêmico: uma análise com discentes do curso de ciências contábeis no ensino presencial. *Revista de Informação Contábil*, 7(3), 51-62.

Pereira, D. J. D. S. (2001). *Diferenças de escolaridade e rendimento do trabalho nas regiões nordeste e sudeste do Brasil* (Doctoral dissertation, Universidade de São Paulo).

Soares, A. B., Monteiro, M. C., Medeiros, H. C. P., Maia, F. D. A., & Barros, R. D. S. N. (2021). Adaptação acadêmica à universidade: relações entre motivação, expectativas e habilidades sociais. *Psicologia Escolar e Educacional*, 25.

Soares, A., Pinheiro, M. D. R., & Canavarro, J. (2015). Transição e adaptação ao ensino superior e a demanda pelo sucesso nas instituições portuguesas. *Psychologica*, 58(2), 97-116.